

A close-up photograph of a man's torso and neck. He is wearing a dark brown or black suit jacket over a matching vest and a dark tie. The vest features a subtle, intricate paisley or floral pattern. He is also wearing a light-colored, possibly cream or off-white, dress shirt. The background is dark and out of focus.

ALINE PÁDUA

Rejeitada pelo
CEO



ALINE PÁDUA

Rejeitada pelo
CEO

COPYRIGHT 2019 © ALINE PÁDUA

1º edição – maio 2019

TUDO O ENREDO É DE TOTAL DOMÍNIO DA AUTORA, SENDO TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA QUALQUER FORMA DE REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DA OBRA, SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA E EXPRESSA DA AUTORA.

QUALQUER SEMELHANÇA COM A REALIDADE É MERA COINCIDÊNCIA.

ILUSTRADORA: Mari Sales

REVISÃO: Gabriela Ferraz

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[Bônus](#)

[Contatos da autora](#)

Sinopse

A vida de Chiara Moreira poderia ser numerada em problemas. O primeiro: a atração inevitável pelo chefe. O segundo: em algum momento, deixar-se mergulhar tão a fundo, a ponto de se apaixonar por ele. O terceiro: não conseguir superar o sentimento e acabar se declarando. O quarto e pior de todos: aprender a lidar com a rejeição daquele sentimento e mais, as consequências que viriam.

Apenas aprendera uma coisa em torno de cada um deles – nunca envolva trabalho com prazer e muito menos, apaixone-se pelo seu chefe.

Prólogo

só mais uma noite no bar

Chiara

Levei o copo de chope a boca e agradei por já ser sexta-feira.

— Sextou! — Lana, uma de minhas colegas de trabalho mais animada falou, ao passar, e sorri em sua direção.

Vi-a seguir dentre as pessoas e parar a frente de seu noivo – Breno. O CEO da empresa rival da qual trabalhávamos. Nunca conseguiria entender como eles conseguiam conciliar tal coisa, porém, era claro, em seus rostos, o quanto estavam apaixonados.

— Pois é, Chia! Sextou! — tentei parecer animada comigo mesma, e tomei mais um pouco da bebida, buscando forças para não parecer tão cansada.

A semana fora no mínimo diferente. Um novo chefe, que com toda certeza, não levava as coisas como Anne Liv Marini, mas aos poucos sentia que nos ajeitaríamos. Cael Marini, irmão mais velho de minha ex chefe, que viajou para fora do país. Além do nome diferente e bonito, era guardado em minha memória, desde que nos vimos pela primeira vez há quatro anos, como um pecado de terno. Ele era lindo, o que tornava completamente difícil, manter-me alheia. Saber me esquivar e disfarçar, principalmente, do quanto o achava bonito e me atraía, era o que me manteve sã no momento em que Anne anunciou que passaria a ser a assistente *dele*. Uma semana se passara, e felizmente, sobrevivi.

O admirava pela beleza, e naquela semana, começara a admirá-lo como profissional. Descobri ainda mais a fundo, o porquê de ele ser o CEO da empresa, e tinha certeza, que aprenderia muito trabalhando ao seu lado. Ser assistente executiva e pessoal do CEO, em uma empresa com a Marini Tecnologia, fez-me sentir ainda mais realizada.

Sorri, sabendo que aquele era um bom dia para comemorar. Não tinha me perdido completamente, mesmo longe da intimidade que construí ao lado de Anne Liv. O pensamento positivo desde a segunda-feira era que uma nova experiência se iniciara. Apenas conseguia pensar em toda minha trajetória até ali. Amava a história que construí. Saindo de uma cidade do interior de Minas, depois de me dedicar arduamente a passar em uma faculdade pública em São Paulo – a cidade que sempre sonhei morar. Nunca conseguira entender ou explicar porque queria tanto, porém, depois de tantos anos vivendo ali, apenas aceitei que minha mente já sabia antes de mim, onde deveria permanecer.

Era exatamente ali.

— Uma cerveja, por favor.

A voz ao meu lado, fez com que os pelos de meu pescoço se arrepiassem. Sabia que era a mesma que me elogiou minutos antes, e mais, começara a se tornar frequente em meu dia a dia.

Virei o olhar devagar e logo, encontrei o azul dos seus. Ele já não vestia o terno na cor preta, nem mesmo o colete ou gravata. Apenas a camisa na cor cinza, dobrada até os antebraços. Olhei-o de relance e forcei um sorriso, tentando disfarçar que ele não me afetava *ainda mais* fora da empresa. Quatro anos trabalhando no mesmo lugar, e pela primeira vez, encontrava-me tão informal ao seu lado. O mundo parecia conspirar..

Ele é seu chefe, recriminei-me internamente.

— Senhor Marini. — falei, e ele franziu o cenho, negando com a cabeça, sentando-se no banco ao lado.

— Só Cael, por favor. — corrigiu-me e assenti, já imaginando como seria chamá-lo de tal forma. — Posso lhe chamar de Chiara? Digo, fora do trabalho?

— Claro. — respondi simplesmente, e voltei a atenção para bebida.

Talvez aquele fosse o melhor foco.

— Bebendo para compensar a semana? — indagou, e sorri, assentindo. — Acho que a maioria de nós faz isso.

Levantei o copo em sua direção, e ele sorriu pegando o seu para brindarmos. Trocamos um simples sorriso, e tentei entender o que aquele olhar azul mais ameno poderia significar. Só sabia que o simples toque de seus dedos nos meus, causara-me algo que me fez querer focar *apenas* bebida. Não podia deixar meus pensamentos e ações irem para outro lado.

Ledo engano.

Mal sabia que acabaria parando diretamente na cama de Cael Marini naquela noite, e dela, não sairia tão cedo.

01

rejeição

Chiara

Cerca de dois anos depois...

— Parece tensa hoje.

A voz rouca me atingiu e fechei os olhos, quando suas mãos chegaram até meus ombros. Suspirei profundamente e me permiti ser embalada por seu toque. Não estava sendo um bom dia. Sentia-me engolfada por sentimentos e sensações que nunca imaginei, não para com ele. *Mas a quem queria enganar?* Cael Marini era a definição de pecado e problema no dicionário. Poderia até mesmo conferir. O pior de tudo, era que passara a ser a definição de amor, em meu próprio.

A cada dia ficava mais difícil fingir que não sentia nada e que aquele acordo firmado há cerca de dois anos era o bastante. Não era. Pelo menos, não mais. O que doía, era saber que para ele funcionava. Então, expulsar mulheres de seu apartamento e mandar lavar os lençóis que me deitaria mais tarde, tornaram-se um dilema. Enquanto eu, queria mais. *Mais dele* e principalmente, exclusividade.

Apenas sexo já não era o bastante.

— Gozou duas vezes e ainda parece longe daqui, Chia. — afastei-me de seu toque, e puxei o lençol ao redor do corpo. Sentia-me vulnerável, e a cada instante, tornava-se ainda mais difícil. Assim que fiquei de pé, parei alguns segundos apenas para olhá-lo.

Cael estava sentado no meio da enorme cama de seu quarto, completamente nu, dentre os lençóis de cor cinza. Que por sinal, chegaram da lavanderia no dia de hoje. Já que ele havia os usado em algum dia da semana passada com outra ou até mesmo, outras. As vezes apenas me indagava do porquê me sujeitava a tal situação.

Por muito um longo período, convenci ao meu cérebro que gostava do perigo, e que o sexo era o bastante. Não me importava o que acontecia além do momento em que estava sob ou sobre seu corpo. Tola mente de uma mulher que se apegou ao primeiro que deu um pouco mais de atenção. *Como fui entrar naquela fria?*

Já completavam dois anos, e os efeitos do simples olhar de Cael me deixavam sem ar. No momento em que fui remanejada internamente na Marini Tecnologia, soube que ficaríamos próximos demais para minha sanidade. Indicação de sua irmã mais nova, Anne Liv, que viajara para fora do país um longo tempo. Foi assim, que caí no colo de Cael. Não imaginava que seria, literalmente.

— Geralmente seus olhos se prendem em mim, não na parede. — sua voz soou rouca, e sabia que pensava a respeito de meu diferente *modus operandi*.

Geralmente, era apenas divertido e prazeroso, para ambos. Por aquilo, acabamos estendendo mesmo sem sequer conversar a respeito, o que fazíamos. Horas jogados a frente da televisão maratonando uma nova série, e que terminava com nós dois nus, entre bebidas e beijos, no chão da sala ou qualquer outro cômodo. Éramos adultos o suficiente para separar as coisas, e lembrava bem de como Cael encarava aquela situação.

— *Não precisamos disso. — deu de ombros, e o encarei sem entender. Não estava nos planos ir para a cama com meu novo chefe e CEO da empresa, uma semana depois de*

começar a ser sua assistente. Mas aconteceu... E pior, não me arrependia. — Mas podemos nos divertir nesse tempo, o que acha? Anne sempre me contou que é uma ótima profissional, então, apenas separaremos esses dois mundos e... Podemos foder quando quisermos.

Sorri sem vontade, ao me lembrar daquele momento. O sexo fora selvagem e incrível, e meu corpo era completamente receptivo para com o seu. Não tinha porque negar, a não ser, o fato de poder ser demitida a qualquer momento caso cruzasse alguma linha. Porém, não cruzaria. Apaixonar-me por Cael não era uma opção. *Mas quem disse que sabemos todas as opções em pauta quando fazemos uma escolha?* Foi aí, que vendi minha alma para o prazer, e perdi meu coração.

Ele saía com outras e isso não me incomodava. Fazia o mesmo, e por um longo tempo, fora completamente normal. Muitas vezes, julguei que era uma mulher madura e de mente aberta para algumas questões. Porém, percebi que os dias passaram a se arrastar nos últimos meses e sequer conseguia estar com outro. Além de que estar próxima a Cael, apenas como sua assistente, quando assistia mulheres saírem do apartamento, doía. Percebi mais claramente, quando precisei trazer uma papelada urgente, e o encontrei rindo junto a outra, na mesa de jantar. Na mesa em que me fodemos na noite anterior.

Era para ser aquilo – uma foda recorrente. Porém, nunca devia ter misturado prazer e trabalho. Era uma péssima combinação.

— Dizem que quando uma mulher se cala, algo muito errado aconteceu. — sua voz soou imponente, e ele se levantou, puxando o robe caído ao lado da cama e o vestindo.

Dei de ombros, e andei até a sacada do apartamento com vista panorâmica para a bela cidade de São Paulo. Era a cobertura de um prédio em zona de alto padrão da cidade, o que não me surpreendia, pelo fato de ele ser um homem rico. Apertei o lençol ao redor do corpo, e recebi o vento da madrugada, feliz por um lado, de que amanhã não teria que trabalhar. Era minha folga, necessária depois de tantos meses interruptos de trabalho árduo.

Meu coração deu um salto no peito, quando ele se juntou a mim, parando ao lado, escorado contra o concreto que nos separava do céu e da queda.

— Animada demais para sua folga?

Olhei-o e optei por assentir. Cael não me entendia, sequer sabia me ler durante todo aquele tempo. Sabia que era o meu trabalho, estar a disposição para tudo que ele precisasse. Além de assistente executiva na empresa, era sua assistente pessoal. Uma espécie de Pepper Potts, que fez o meu salário triplicar, assim como, começou a destruir meu emocional. O homem ao meu lado não era Tony Stark, muito menos, considerava-me importante.

Sorri sem vontade e repensei meus vinte e sete anos. Já era uma mulher com uma boa quantia em dinheiro guardada no banco, um apartamento próprio na área que mais gostava da cidade que sonhei como lar, e um currículo impecável tanto pela universidade, quanto pelo meu trabalho na Marini.

— Não fique triste, na segunda tudo recomeça. — sua voz soou e ele sorriu levemente.

Por um longo tempo, iludi-me que aquele sorriso me pertencia. Porém, era apenas o jeito Cael de conseguir o que queria ou fingir certa intimidade. Só abri de fato minha mente, quando presenciei cenas como aquelas em direção a outras. Não era exclusiva, tão pouco, diferente. Seus olhos azuis pareciam tentar me ler, mas ainda, permanecia a confusão nos olhos. Por um longo tempo, indaguei-me se era apenas minha mente sonhadora com um CEO de livros e sua beleza. Ele era lindo e um CEO, fatos incontestáveis.

Cabelos negros bem cortados, naquele típico aspecto “pós foda”. Os olhos azuis contrastavam com a barba sempre bem-feita, e os lábios carnudos, como se implorando para serem mordidos. O corpo musculoso, tonificado nos lugares certos e de um bronzeado que nunca consegui entender de fato como conseguia. Ele era a personificação para mulheres e homens caírem de joelhos. O problema, era que me transformei justamente em uma daquelas

peessoas. E pior, que não tinha mais controle.

— Sabe que somos amigos, não é? — sua indagação me pegou de surpresa, e senti que não dava mais para mentir para ele, e principalmente, para mim mesma.

Não dava mais. Justamente, por querer *mais*.

— Somos? — rebati, e nossos olhares se encontraram. Notei a confusão em seu semblante, como se tentando me entender. Ele não conseguia.

Aquele sentimento em meu peito nasceu em algum momento, e consegui ignorá-lo por um longo período. Mas nos últimos dois meses, tornei-me apenas um fantasma de mim mesma. Acabei perdendo peso por não ter apetite, devido ao fato de estar me sentindo tão perdida naqueles sentimentos. Minha saúde mental, completamente devastada, como se implorando para que apenas deixasse aquilo para trás. E era aquilo que vinha trabalhando, convencer-me de que não precisava daqueles momentos de sexo e falsa intimidade com ele. Que poderia superar, e assim, voltar a sorrir de fato. Mesmo que ele sequer tivesse ideia ou culpa, estar com ele, era minha salvação e inferno pessoal. Precisava dar um basta ou simplesmente, confrontá-lo.

A parte romântica de meu ser, jurava que ia se surpreender, mas no fim, admitiria que também me queria. No caso, que tentaria ser apenas meu, e que depois daquilo, seu coração se tornaria também. *Porém, quais as chances reais daquilo acontecer?* Talvez 0,01%. Se tinha algo que conhecia sobre Cael naqueles dois anos, era que em seus 36 anos, envolver-se seriamente com alguém não era um objetivo.

— Por que duvida disso?

— Você é meu chefe, e a gente fode o que? Uma a duas vezes por semana? — indaguei, sentindo o amargo em minha boca ao admitir aquilo em voz alta. — Isso não é uma definição de amizade.

Notei seu olhar azul mudar e ele endireitou o corpo, encarando-me.

— Onde quer chegar com isso?

— Ao óbvio. — dei de ombros, e agarrei-me mais ao lençol, tentando não parecer tão exposta. — Não representamos nada um para o outro.

Suspirei pesadamente, e era naquele momento, que ele me puxaria para si e diria que estava completamente enganada. Que eu era alguém para ele. Porém, como já esperava, ele sequer reagiu a minhas palavras, dilacerando meu coração sem ao menos perceber.

— Compartilhamos bons momentos, no entanto. Séries, jantares, filmes, jogos... — comentou e cruzou os braços. — Não faço isso com todas as mulheres que transo.

Sua fala saiu tranquila e senti a bile vir a garganta. Não dava mesmo, para mensurar o quanto aquilo me machucava. Apenas tive uma certeza: que não ficaríamos juntos, nunca mais.

— Acho que não existe muita diferença entre as mulheres que fode. — soltei, e me virei, adentrando seu quarto.

Deixei o lençol cair e fui até o canto esquerdo, onde minhas roupas estavam jogadas. Apenas passei o vestido longo pelo corpo e vesti a calcinha, focada em achar minhas meias e tênis em seguida.

— Por que deveria existir? — sua pergunta continuou meu martírio e abaixei os olhos, encarando-o.

— Não consigo mais. — soltei de uma vez. — Nunca me deu esperanças de que isso se tornaria um relacionamento, e tudo bem. Mas... Eu me apaixonei, Cael. Eu te amo e não posso fingir que consigo te dividir com o mundo dessa forma. Porque eu não posso.

Seus olhos se arregalaram, porém, a postura perfeita permaneceu. Ali notei, que era como se ele tratasse de negócios, mesmo que estivéssemos apenas nós, frente a frente. Fora a última noite em seus braços e meu coração se partia ao ter certeza de que nada além do esperado sairia de sua boca.

Diga que me ama, implorei internamente.

— Gouvêa vai te deixar em casa.

Suas palavras frias me atingiram de forma que punhais adentraram minha pele. Uma lágrima desceu, antes que pudesse evitar, e foi no exato momento que avistei meus tênis e meias. Praticamente passei por ele como uma furacão, pegando-os em mãos, sem sequer olhá-lo. Porém, no fundo, era como se precisasse. Necessitava lhe mostrar que nos trataria como ele fizera, um mero negócio concluído.

— Isso é tudo, senhor Marini?

Ele sequer expressou algo, e apenas me deu as costas, adentrando seu banheiro. Senti-me querer afundar naquele chão, ao mesmo tempo que queria jogar o tênis em sua cabeça. *Isso é tudo o cacete seu imbecil de merda*, segurei-me para não gritar. Porém, apenas me virei e segui para fora daquele apartamento.

Rejeitada era como me sentia.

Rejeitada por aquele maldito CEO.

fossa mal desenvolvida



Só podia estar em meu inferno astral.

Acordei com o despertador berrando, e quis jogar o celular contra a parede. Olhei rapidamente as horas, após desligar aquela *merda*, e vi que ainda eram oito da manhã. Suspirei, sabendo que deveria ter dormido no máximo vinte minutos. Uma noite em claro, bebendo até cair e cantando sertanejo *sofrência* até Adele, fora o que me restou. O sábado de folga que tanto almejei, de repente, seria apenas a base para dormir o dia todo, diante da ressaca causada por vodca, vinho e rejeição.

— Saúde as pobres almas apaixonadas por cretinos de terno e gravata. — ironizei para o quarto vazio, e suspirei profundamente.

Apenas a lembrança do porque tinha aquela dor de cabeça, fazia-me querer pegar as garrafas deixadas no entorno de minha cama, e quebrá-las na cabeça de Cael, da forma como ele quebrara meu coração. Liguei a televisão, e de repente, fui presenteada com o volume no máximo e a música que continuava minha terrível playlist de *sofredora* com álcool no youtube. Assim que Fergie cantou que garotas grandes não choram, revirei os olhos, discordando por completo.

— Garotas grandes choram e muito, só que com álcool como acompanhante.

Minhas reflexões sozinhas, eram tão necessárias quanto eu para Cael. O dia mal começara e apenas queria esquecer que de fato existia. Melhor, esquecer que Cael existia. Porém, o maldito era a causa de estar daquela forma. Ainda mais, por ser um insensível. Soltei o grito entalado na garganta, e levei as mãos aos cabelos. *Como pude esperar algo?*

No fundo, iludindo-me de que era diferente. O carma de toda mulher apaixonada, e pensa que vai ser a *diferente* para o cara. Às vezes, simplesmente, não era para ser. No meu caso, impossível. Assim como, dispensei várias mulheres durante os dois anos trabalhando com ele, fui apenas mais uma. Tão clichê e dramático, que de repente, me peguei ouvindo Marília Mendonça.

A cabeça a ponto de explodir e o corpo mal se acostumando a estar de pé novamente. Era uma péssima rejeitada.

“Sei

Que o pra sempre virou pó

E na cabeça deu um nó

Mas eu tô bem consciente

Mas amei

Amei sozinha, mas por dois

Me conformei que agora, e não depois

Vou ter que seguir em frente

Preocupa não

Que eu não vou bater no seu portão

Preocupa não

Que não vai ver mais o meu nome em nenhuma ligação

Preocupa não

Que eu vou tomar vergonha na cara

Preocupa não

Pra um bom entendedor, meia ausência basta”

Meu celular despertou mais uma vez, tirando-me do momento gritando minha dor besta. Soltei um grunhido e peguei o aparelho a ponto de querer jogá-lo na parede. O que me surpreendeu não foi o fato do despertador ter decidido me infernizar, mas do número que me ligava – Anne Liv. Massageei minhas têmporas, e peguei o controle, baixando o som da televisão. Respirei fundo e atendi o telefone.

— *Bom dia, perfeitinha.*

Sorri diante do cumprimento de Anne, mesmo que minha vontade fosse me esconder de qualquer um de sua família. Mesmo tendo certeza que nenhum deles tinha a mínima ideia de meu envolvimento com Cael. Na realidade, éramos discretos ao extremo. Como era sua assistente pessoal, não abria chance para desconfiarem. Ao menos, nunca fora um assunto em pauta em nenhuma revista de fofoca ou até mesmo, em roda de amigos e nos corredores da empresa.

— *Olá, ex chefinha preferida.*

— *Nisso tenho que concordar. — Anne Liv e sua autoestima infinita. — Agora mesmo fui te procurar, e adivinha minha surpresa quando não te achei?*

Fechei os olhos, imaginando que dali um dia, voltaria para a empresa e assim, encararia Cael. Tinha que deixar o sofrimento para o momento, porém, minha ansiedade já conseguia me fazer sentir vergonha de reencontrá-lo após aquela declaração catastrófica. Teria aquele fim de semana para trabalhar minha frieza e ser impecável no trabalho. Sem

brecha para que lembrássemos do que aconteceu. Duvidava do fato de que ele lembraria.

— Não devia estar no Rio? — indaguei.

— *Bom, as reuniões aconteceram mais rápido e consegui voltar a tempo de comemorarmos o aniversário do Cael. — paralisei e minha cabeça deu voltas. — Sei que ele odeia esse tipo de coisa, festa com a família sabe? O jeito dele é sempre aquelas festas extravagantes cheio de mulher pelada para todo lado... — ela soltou um som de nojo, e me segurei para não pensar sobre.*

Era a realidade. O fato era que organizei a festinha privada de seu aniversário no ano passado, e sequer passei em seu apartamento no dia. Andei até meu escritório, sem conseguir acreditar que andava tão distraída. Abri o planner e me deparei com o que sequer imaginava ser naquele dia.

Festinha privada – Cael

Suspirei, sentindo-me uma completa idiota. Aquele evento fora programado há meses, e sequer fiquei atenta ao que acontecia. O fato era que meu coração e mente se embaralharam no meio do caminho, e tentei evitar pensar que não éramos exclusivos, muito menos, jurou-me fidelidade. *A que ponto chegamos, em Chiara?*

— No que posso ajudar? — perguntei por fim, jogando-me contra a cadeira. Minha cabeça parecia doer ainda mais, e logo senti um peso sobre meu corpo. Sorri para Noctis, meu gatinho de apenas três meses, que se emaranhou em meu colo, e fechou os olhinhos. Ao menos, tinha um amor real bem ali.

— *Bom, tem tempo para cancelar tudo? — engoli em seco e arregalei os olhos. — Sei que é sua folga, mas... Mamãe e eu queremos fazer algo diferente para Cael, e bom, se ele estiver na putaria, não teremos como.*

— Anne... — engoli em seco, imaginando o quanto aquilo poderia ser errado. — Não sei se posso fazer isso. Pode custar meu emprego.

Passei as mãos em Noctis, que parecia uma bolinha de pelos negros. Olhei para os números anotados em meu planner, logo abaixo do evento, e comecei a maquinar o que poderia ser feito. *Seria uma vingança de acordo acabar com sua festinha de aniversário que não passava de uma suruba?* Sequer conseguia entender como me esqueci por completo do aniversário de Cael. Ao menos, no ano anterior, comprei-lhe um presente. Sequer tinha lembrado daquela vez. Minha mente, com certeza, focou tanto em querer ser sincera com ele, que deixei todo o resto se tornar irrelevante.

— *Então, talvez, possa me passar os números das pessoas que combinou e... eu me encarrego de cancelar tudo.* — a voz provocativa de Anne Liv surgiu do outro lado da linha e tive que sorrir. *Ela era o tormento de Cael: fato.*

— Tudo bem. — acabei por concordar e repensei o que de ruim poderia acontecer. — Se ele me demitir, volto a ser sua assistente. — negocieei e ela gargalhou alto.

— *Amo fazer negócios com você, senhorita Moreira.*

— Sei. — sorri de sua determinação. — Vou te mandar uma foto com os números por mensagem.

— *Certo. Já até organizei o jantar de aniversário para ele, no meu apartamento, e ele sequer tem ideia.* — comentou e levei o cotovelo ao tampo da mesa, querendo apenas esquecer. — *Aliás, está mais do que convidada.*

Fechei os olhos com força, pois já esperava por aquilo.

— Não posso, Anne. — engoli em seco. — Tenho um encontro justamente hoje, e é bom, um velho amor... Enfim, é complicado. — lembrei-me do filme de estava ansiosa para rever; bom, seria um ótimo reencontro com Matthew McConaughey.

— *Sabia que existia alguém nesse coraçãozinho.* — sua fala me pegou desprevenida.

— *A maioria das mulheres acerca de meu irmão parecem que caem de amores, e você, sendo tão próxima... aposto que percebeu os defeitos e mais, tem alguém em sua vida.*

— É.

Se ela soubesse...

— *Ok, vou te deixar descansar e se preparar para o encontro. — por mais horrível que pudesse parecer, estava dando graças a Deus por Anne Liv me deixar em paz. Ela foi uma ótima chefe e era uma ótima amiga. Entretanto, não era o meu dia para conversa. — Obrigada pela ajuda, perfeitinha.*

Sorri de seu apelido.

— De nada, Anne. Até mais!

Ela desfez a ligação, e em seguida, tirei a foto da folha do planner e lhe mandei, sabendo que ela teria que ser rápida para cancelar tudo. Por fim, poderia ficar em paz. Noctis se remexeu em meu colo, no momento em que cliquei na galeria. Não era fã de fotos, mas ali existiam algumas que eram especiais. Principalmente, algumas tiradas em momentos bêbados com Cael.

Toquei seu sorriso perdido, que tanto pensei ser meu, e que implorei internamente para que fosse. Suspirei, deixando uma lágrima descer. Amar doía. Principalmente ele. O amava por coisas tão pequenas e momentos tão únicos, que duvidava que fosse de fato algo congruente com o tamanho do sentimento. O problema era que encontrava amor onde não devia.

— É, Noct. — sorri para meu pequeno. — Vamos superar isso!

Disse em voz alta, para ver se atraía. Quem sabe o universo me presenteava com a superação. Um amor só se cura com outro, era o que mais ouvia. Esperava poder superar o que sentia por Cael, sem me complicar ainda mais.

O amor de Noctis contava?

Passei as mãos por seus pelos e sorri. Naquele momento, tinha que bastar.

quando o coração bate à porta

Chiara

— Mil infernos!

Praticamente berrei, assim que a pessoa a porta, parecia querer explodir meus miolos com a campainha.

— Já vai, porra! — gritei ainda mais alto, e finalmente, a porcaria silenciou.

Era real: a pior folga de todos os tempos. Andei a passos embolados, colocando um shorts de tecido mole, e encarei o grande relógio na sala de estar, que marcava cerca de duas da manhã. Franzi o cenho e tentei pensar se minha irmã mais velha, poderia estar fazendo alguma surpresa. Era a cara da maluca agir daquele jeito.

Era ela ou um assassino. Todavia, um assassino não tocara a campainha fazendo um escândalo aquele horário, refleti. Já bastava o meu showzinho na madrugada anterior que com certeza, renderia uma multa. Agora, teria mais uma para pagar. *Merda!*

A noite perfeita com Matthew McConaughey fora atrapalhada por uma vodca forte demais que acabou me derrubando no sofá e de repente, estava praticamente me arrastando para o quarto. Misturar sorvete de chocolate com álcool naquele grau não fora muito inteligente, porém, acabara sendo um ótimo calmante. Dormi, serenamente, sem sonho algum

atrapalhando. Porém, alguém tinha que bater na porta e acabar com minha paz.

Encarei o olho mágico e fiquei perplexa. Afastei-me e balancei a cabeça, tentando entender se ainda estava bêbada o suficiente para ter alucinações. Voltei a olhar e fiquei ainda mais incrédula. Cael tinha algum gêmeo, não era possível. Resolvi que o melhor era confirmar minha loucura, ficando frente a frente. Abri a porta apenas o suficiente para colocar a cabeça para fora e cometi meu pior erro ao fazê-lo. Os olhos azuis intensos apenas me deram a certeza – era ele.

Mas o que diabos fazia em minha porta na madrugada?

— Relatório? — indaguei, e tentei afastar a vontade de fechar a porta em sua cara.

Ele era meu chefe e para estar ali, em um domingo, com certeza, era algo do trabalho. Nunca transamos no meu apartamento, e ele viera raras vezes. Também, nunca fora uma questão de onde estaríamos juntos. O que me fazia pensar a respeito da reunião com os americanos na semana passada. *Teriam solicitado algo do nada?* As pessoas poderiam ser imprevisíveis em alguns contratos.

— Posso entrar? — sua voz controlada fez-me arquear a sobancelha.

Onde estava a pedra de gelo de sexta-feira?

Optei por abrir a porta e deixá-lo entrar. Aquela simples proximidade, de seu corpo adentrando meu apartamento, fez-me querer acreditar que era o momento que ele se declararia.

Olha, percebi que também te amo. O aniversário sem você foi um inferno. Volta para mim!

Ri sozinha de meu tolo pensamento, e me virei para ele, que de repente, pareceu imponente demais em minha sala. Não conseguia focar em nada além de sua presença.

— Engraçado, não é? — indagou, e sua boca subiu, claramente com raiva.

O que?

— Só se estiver lendo meus pensamentos para entender porque ri. — rebati, e pensei no quanto aquilo poderia custar meu emprego.

Na realidade, não pensava tanto a respeito naquele momento. Queria era colocá-lo para fora. Da mesma forma como, fora mandada para fora do seu apartamento dias atrás.

— Não preciso, já que aposto que deve ter sido muito engraçado ajudar minha irmã com o cancelamento da festa. — aquela versão nervosa e desconcertada de Cael raramente aparecia, ao menos, no âmbito pessoal. Ele era extremamente controlado fora da cama. — Achou mesmo que pode passar por cima de minhas ordens?

Acabei sorrindo ainda mais de deboche, diante de seu estresse. Talvez eu devesse ter me divertido com aquilo, porém, sequer imaginei no que ele pensaria. Ajudei uma amiga e ponto, nada mais. Talvez aquele fosse o ponto chave da noite.

— Não trabalho aos domingos e veja só, aqui está meu chefe! Em minha casa! — acusei-o e era como se seus olhos pudessem me queimar caso fosse possível. — Tenha respeito, Cael. Não estamos em horário de trabalho e está na minha casa.

Ele franziu o cenho e notei que nada de bom passava por sua mente.

— Mas resolveu trabalhar em seu dia de folga em prol de desfazer uma ordem lhe dada. — rebateu e o encarei com preguiça. — Não é para isso que te pago.

— Agora, vamos falar de salário? — indaguei, e bocejei em seguida, sentindo-me a flor da pele, mas com aquele sarcasmo presente em meu ser, que com certeza, queria demonstrar. — Apenas passei as informações da sua festinha para sua irmã, já que quer uma explicação. O que ela fez com isso, é responsabilidade apenas dela.

— Não tem direito de passar nada que se refere a mim para outros. — sua voz soou forte, mas controlada.

— Não tem direito de estar na minha casa a essa hora e nesse dia, e olhe só. — abri os braços e sorri cinicamente.

— Você me deixou entrar. — acusou e o encarei com ainda mais preguiça.

— Veio aqui para que, Cael? Ficar discutindo sobre algo que não está sob meu controle? Sua irmã descobriria de todo jeito os números e cancelaria sua festa de putaria, palavras dela. — rebati e ele me encarou. Notei que sua expressão parecia ainda mais furiosa. — Vir a minha casa, de madrugada, tirar minha paciência no domingo, com certeza, não mudará isso.

— Deve estar muito ocupada. — sua voz soou baixa e perigosa, e franzi o cenho, sem entender. Ele então se agachou e em seus dedos, levantou uma de minhas calcinhas.

Adiantei-me e a peguei, feliz por tê-la encontrada. Tinha a mania de tirar tudo para dormir. Ou apenas dormir com uma grande camisa velha. Quando tirava a calcinha, ia direto para o cesto no banheiro. Porém, aquela ali, fora tirada em meio ao porre, então, só poderia estar espalhada.

— Obrigada. — dei de ombros, sem conseguir levar a sério sua fala.

Estava muito ocupada, enchendo a cara para te esquecer, imbecil!

Um barulho vindo do quarto, fez-me levar a mão a cabeça, imaginando que minhas maquiagens, mais uma vez, iam para o chão. Noctis e sua nova mania de querer testar a durabilidade das coisas.

— Mande-o embora, precisamos resolver algo de trabalho. Pago a hora extra. — olhei-o incrédula e fiquei estática. — Preciso repetir?

— Por que mandaria Noctis embora? — perguntei incrédula, e Cael olhou em direção ao quarto, onde veio mais um barulho. Só conseguia pensar em meu iluminador novo. Que os anjos da maquiagem o protegessem de um gato sem limites.

— Noctis? — a voz de Cael soou zombadora. — Quem diabos se chama assim?

— Por que parece tão incomodado com meu...

Ouvi um estrondo alto, larguei a calcinha e sequer terminei a fala, correndo em

direção ao quarto. Assim que cheguei, encontrei Noctis em cima da penteadeira, com seus olhinhos azuis praticamente declarando que não era sua culpa, mas sim, das coisas que de repente entraram na frente dele. Olhei para o chão, e ali estava minha base que custou um rim e o iluminador novo. Felizmente, nada parecia tão arruinado.

— Eu só não te deserdo porque não conseguiria viver sem você. — falei, e o encarei profundamente. — Filho mau!

Decidi por colocar as coisas dentro da cômoda e virei-me novamente para Noctis, que se fingia de bom moço.

— Filho mau!

Ignorando-me por completo, pulou no chão e o vi passar entre minhas pernas e ir em direção a porta, como se não tivesse feito nada. Realmente, ele se tornou o dono da casa sem eu sequer perceber ou pensar em impedir.

Assim que me virei, deparei-me com a cena que não deveria ser tão bonita assim. Noctis, filho mau, agora passaria a ser conhecido como *traidor*. Ele se esfregava na perna de Cael, como se fosse sua pessoa favorita no mundo.

— Vem aqui, mocinho.

Adiantei-me e me abaixei, pegando a bolinha de pelos no colo. Passei a mão por sua barriga, querendo parecer brava, mas era impossível. Aqueles olhinhos azuis eram meu mundo todinho.

— Desde quando tem um gato? — a pergunta de Cael me pareceu como mais uma prova de que sequer fazia questão de saber sobre minha vida.

Sexo. Trabalho. Mais sexo. Mais trabalho. Um ciclo que finalmente chegava ao fim.

— Então, é alérgico? — indaguei, e ele franziu o cenho. — Ora, não queria que colocasse o gato para fora?

— Eu... — limpou a garganta, e notei seu constrangimento.

Juntei sua imposição e ainda mais, sua desconfiança clara. A forma como parecia me acusar de algo, como se acreditasse mesmo que alguém estava ali comigo. *É bom estar do outro lado da moeda?* Segurei-me para não perguntar.

— Anne Liv te falou do meu encontro, não é? — indaguei, e ele engoliu em seco, abrindo a boca para argumentar, mas não disse nada. Aquela era uma das poucas vezes que o via sem palavras. As outras, eram basicamente quando lhe surpreendia com minha inteligência e perspicácia, e também, quando tirava a roupa. — O que realmente quer aqui, Cael? Olha, estou cansada, já estava no sétimo sono quando tocou a campainha como se o mundo fosse acabar. Se é uma festa que quer, eu tento aprontar tudo na segunda, que tal?

Seu olhar mudou e notei que parecia ansioso.

— Tem que ser hoje? — indaguei cansada, sem ainda entender o que ele realmente queria. — Ficar brincando de estátua não vai esclarecer minhas dúvidas.

— É que... Não precisa fazer nada disso. — franzi o cenho, e continuei a passar a mão pela barriguinha de Noctis, que ronronava. Gato manhoso. — Eu acabei ficando alterado a toa por ter mudado os planos, mas sei o quanto Anne Liv pode ser convincente.

— Certo. — suspirei profundamente, encarando seus olhos azuis. Tudo o que queria era tirar aquela camisa cinza e todo o resto de seu corpo. Beijá-lo pelo resto da noite e boa parte da manhã. Se eu desse um passo, ele me daria aquilo. Aí, seria sexo, como sempre. Sexo por sexo, poderia ter em qualquer lugar. Com ele, eu queria *mais*. Infelizmente, o que não podia me dar. — Vou te levar até a porta.

Deixei Noctis sobre a cama e passei pela porta, sentindo a presença de Cael a minhas costas. Abri a porta e lhe dei espaço para sair. Seu olhar pareceu preso no meu por alguns segundos, e o encarei, implorando internamente para que meu amor fosse correspondido.

Em vez de simplesmente sair, ele me encarou, e abriu um leve sorriso. *Aquele sorriso*, que me tinha aos seus pés. Segurei-me para não unir nossos lábios. Ele era alto, cerca de um

metro e noventa, entretanto, meus vinte centímetros a menos não eram grande empecilho. Um passo e teria sua boca na minha. Porém, escolhi o que era correto daquela vez. Ignorar aquela atração.

— Desculpe o incômodo. — apenas assenti, balançando a cabeça, e ele continuou parado a minha frente.

— O que foi? — indaguei, e ele piscou algumas vezes, como se parecendo confuso.

— Boa noite, Chiara.

Deu-me as costas e simplesmente saiu, deixando-me para trás. De meu apartamento, poderia vê-lo caminhar até o elevador. Suspirei feito uma adolescente, quando notei que ele estava concentrado em seu caminho. Eu o amava, perdidamente. Mais uma vez perdida por saber que não existia chance. Fechei a porta, excluindo-o de minha visão. Olhei para o apartamento vazio, e tentei encontrar uma boa motivação para acordar cedo e mudar tal cenário de minha vida.

Precisava espairecer.

Encarei o tapete velho da sala, que viera comigo do antigo apartamento e pensei que era o momento certo de mudá-lo, e começar a colocar os planos de decoração para minha casa em ordem. Domingo seria aquilo, um dia de descontração comprando o que precisava para começar a redecorar tudo. Um jeito de tentar esquecer o fato de que Cael Marini era o centro de meus pensamentos.

04

rotina perdida

Chiara

Tinha me esquecido de como redecorar era um porre, ao menos, quando não se tem tempo para a mesma.

Passei a mão por meu macacão de cor preta, em uma malha social, que o tornava formal e bem apresentável. Prendi os cabelos loiros no alto da cabeça e optei por uma maquiagem leve, já habitual, completada com um batom rosado. Sempre gostei de me vestir daquela forma, e trabalhando diretamente com o CEO da empresa, era algo essencial. *Estar apresentável e com um belo sorriso.* Palavras que Anne Liv me dera como ensinamento em meu primeiro dia a seis anos atrás.

Suspirei profundamente, lembrando-me de como tudo tinha se transformado. Parecia surreal, e se alguém me falasse que me encontraria em tal situação, rejeitada por Cael, jamais acreditaria. *Afinal, como poderia ser rejeitada por alguém que não ia me envolver?* Os dois anos recorrentes, se encarregaram para que me envolvesse além do que deveria.

Peguei a bolsa sobre a cama, e não resisti em abaixar e dar um leve beijo na cabecinha de Noctis, que dormia enrolado sobre o travesseiro que não usava. Tão meu menino, que era realizou aquele sonho de futuro perfeito – uma fidedigna mãe de gato.



Sempre odiei o trânsito e por tal motivo, mudei-me para o mais perto da empresa quando o salário aumentou e consegui estabilidade. Andar dois quarteirões de salto alto eram o céu, ao em vez de passar no mínimo meia hora dentro do carro, enquanto pensava em quão cedo deveria sair no dia seguinte para não atrasar. Cerca de cinco minutos depois de sair de casa, estou à frente da recepção da empresa. Dou bom dia a todos que parecem solícitos e me dirijo ao elevador privativo. O qual, apenas os funcionários com ligação direta ao último andar, poderiam utilizar. Usei o cartão que me permitia chamá-lo e em poucos segundos as portas se abriram.

Dei um passo a frente, guardando o cartão na bolsa e me aprumei. Levantei o olhar apenas o suficiente para desejar bom dia a pessoa ali dentro, sendo recebida por um sorriso de Leonardo. Ele tinha uma aura leve, diferente da maioria das pessoas que trabalhavam ali. Como o novo assistente pessoal e executivo de Anne Liv, que voltara para o Brasil a cerca de cinco meses, todos disseram que ele não daria conta por uma semana. Até mesmo, cheguei a pensar que seria remanejada para o cargo antigo, entretanto, contrariando todos, ele ainda estava ali e apenas ouvi elogios a respeito.

— Bom dia, Leo.

— Bom dia, Chia. Preparada para a semana? — indagou, e respirei profundamente, dando-lhe meu olhar austero.

Seria uma semana infernal e decisiva. Ao mesmo tempo que contratos e decisões de suma importância seriam tomadas, o que era um grande marco para a empresa, seria a semana de ficar praticamente afundada em documentos e reuniões sem fim. Todavia, era o meu

trabalho, e amava ser criteriosa, a ponto de chegar a sexta-feira e poder voltar para a casa com apenas uma certeza: *fui foda*.

— Sempre. — pisquei e ele sorriu, dando-me alusão a uma covinha em sua bochecha.

O elevador parou, e saímos. Dei-lhe um leve aceno e me dirigi até ao lado esquerdo do andar, onde se localizava a sala de Cael, e consequentemente, a minha. Parei à frente de minha mesa, e já peguei o planner exclusivo para empresa, no qual repassaria todos os compromissos, e conseguinte, teria que encarar meu chefe. Minha mente virou, e pela primeira vez, em todo aquele tempo trabalhando com ele, sabia que seria difícil agir normalmente.

Nunca fora. Nem mesmo depois da primeira vez que ficamos juntos. Um encontro casual em um bar qualquer, e de repente, acabamos em uma cama, longe de qualquer ambiente de trabalho. Fora uma escolha mútua e sem qualquer alusão a romance. Gostava daquilo, tinha que admitir. E por um longo tempo, fora apenas aquilo. Sexo depravado com meu chefe, que além de tudo, eram um homem sexy como o inferno. Porém, os últimos dois meses mostraram-me uma nova face, e até mesmo, aquele sentimento que sequer sabia dizer quando nasceu. Não conseguia mais me envolver com outros homens e parei para pensar sobre o que me freava. E lá estava a imagem nítida de Cael. Lá estavam seus lábios, cheiro e toque. Assim como, nossas conversas, momentos e sorrisos. E principalmente, o sentimento que me despertou.

Assim como ele, sempre tive outros encontros esporádicos. Uma mulher livre para explorar o prazer que queria, e quando queria. Porém, sempre me vinha voltando para seus braços. Assim como, ele vinha para os meus. No princípio, pensei que pela comodidade de explorarmos cada vez mais o corpo um do outro, e o fato de nunca conseguirmos enjoar do que fazíamos. Hoje, vejo que minha mente não enxergou tão cedo o que meu coração já acusava: não se arrisque de tal maneira.

Ali estava eu, apaixonada por alguém, que com toda certeza, não pensava na

possibilidade de algum relacionamento além do que tivemos.

— Você pode. — falei baixinho, e encarei a porta de cor marrom. Olhei para meu relógio e já eram exatas oito horas. O que significava uma coisa: hora de começar o dia. Dei duas batidas na porta e adentrei o grande espaço.

Como de praxe, Cael já estava em sua cadeira, com o terno jogado sobre o sofá branco do lado esquerdo, vestido na parte de cima apenas uma camisa de cor azul clara, a gravata em outro tom de azul e o colete preto. Um óculos preto de aro grosso emoldurava os belos olhos azuis, e ele parecia preso ao que estava no papel.

— Bom dia, senhor Marini. — usei da formalidade que nunca perdemos ali dentro, e era um caminho que sempre preferi trilhar. Nada atrapalharia meu trabalho, e muito menos, me faria perder o foco.

Então, por que queria discutir sobre meus próprios sentimentos?

Ele ergueu o belo rosto, e os olhos azuis pareceram mergulhar nos meus. Notava a forma diferente com que me encarava, talvez, esperando que agisse diferente depois daquela fatídica sexta-feira. *Surpresa*, queria gritar. Aquela era eu, fazendo o que sabia de melhor – esquivar-me e fazer-me de invisível.

— Bom dia, senhorita Moreira. — a imponência de sua voz atingiu diretamente minha nuca, a parte de meu corpo que sempre se arrepiou com sua presença. *Foco!*

— Podemos repassar sua agenda? — indaguei, e ele assentiu, pegando o tablet ao seu lado.

Era aquela grande diferença entre nós, e que me custava um pouco mais de trabalho. Sempre preferi o papel para anotações por ser uma forma na qual me concentrava melhor, até mesmo enfeitando minhas páginas de compromissos. Entretanto, o indispensável, em empresas e ainda mais, em uma de tecnologia, era a agenda eletrônica. Enquanto Cael acompanhava tudo em seu tablet, ali estava eu, com meu planner executivo, repassando cada

mínimo detalhe do dia. O trabalho em dobro consistia em fazer a mão e depois digitar cada compromisso. Era uma escolha minha, no entanto.

— E bom, as oito horas, reunião externa com a representante da AIA Cosméticos. — finalizei, e ele negou com a cabeça, claramente incomodado.

Sabia bem do porquê, mas jamais levantaria tal questão ali. E como já não existia *nós* fora do trabalho, o assunto não seria explanado. Ou melhor, nunca houvera *nós*.

— Quanto tempo está marcada essa reunião? — indagou, e nem precisei conferir para saber. A assistente de Maria Gonzáles me ligou a semana passada toda para confirmar tal reunião.

— Há um mês. — ele assentiu, e fez aquele gesto tão característico seu, que tive que me firmar nos saltos. A mão percorreu a barba bem-feita e parou segurando o queixo, como se procurando uma solução. Sabia que ele sorriria de lado, assim que a mesma viesse em sua mente. Então, ele o fez.

— Fale com Garcia, e peça para que Anne Liv vá. — assenti e anotei rapidamente sua ordem. — Isso é tudo, senhorita Moreira? — perguntou, e tentei abrir a boca para lhe responder o que sempre fora costume entre nós, porém, pela primeira vez, travei.

Respirei fundo, e assenti, sem saber como disfarçar meu incômodo. Não conseguia parar de pensar onde *diabos* enxerguei romance ali. A questão era, o romance estava fora daquelas paredes, daquele prédio... Estava em momentos que o enxerguei como o meu Tony Stark. *Por que diabos era tão fã de homem de ferro?* Aliás, Cael sequer parecia com ele. Estava mais para uma versão de Capitão América, que com toda certeza, não aprovava. Como sempre, começava a vagar por minha mente.

— Vou preparar tudo para a primeira reunião. — ele assentiu, e notei que engoliu em seco. — Com licença, senhor.

Dei-lhe as costas e bastaram dois passos, para que sua voz reverberasse por todo o

ambiente.

— Vai mesmo ser assim, Chia?

O apelido, o tom aborrecido na voz... Parecia sonhar que tinha algo *mais* em sua fala. Porém, era apenas o fato de que ele não esperava aquilo. Cael Marini era metódico, e sabia bem. Mais uma vez, ele me tratava como um de seus contratos. Aquilo me doía, ainda mais, porque tentava me blindar. Nada além do fato de não o ter respondido como de costume mudara. O que vivíamos era fora. Mesmo assim, parecia ter incomodado.

— Não entendi, senhor. — frisei a última palavra, e ele assentiu, parecendo entender que não adiantaria insistir.

— Isso é tudo, senhorita Moreira.

Assenti novamente, e dei-lhe as costas, saindo em seguida. Sentia algo diferente no ar, e sabia que era o fato de meus sentimentos estarem expostos há poucos dias. Se nem mesmo eu conseguia entendê-los, quem diria Cael. Um homem que nunca vi falar abertamente sobre amor ou paixão.

Sentei-me e liguei meu computador, com apenas um pensamento em mente: trabalhar. Por mais que Cael fizesse parte de minha vida, o deixaria no único lugar plausível dali por diante, como meu chefe. Em algum momento, aquele sentimento morreria. Sua rejeição, era apenas o passo inicial para que aquilo fosse desencadeado. Por bem ou por mal.

05

raiva e dor

Chiara

— Eu sei que estou devendo uma visita, Nina. — falei, e minha irmã bufou do outro da linha. — Não pode me culpar por ter escolhido morar no fim do mundo.

— *O fim do mundo que você nasceu, a propósito. — ralhou e tive que sorrir. Adorava poder atormentá-la a respeito. — E fica há poucas horas de SP.*

— Sinto falta de casa, sabe disso. — comentei e olhei rapidamente para a foto de família sobre minha mesa de trabalho. — Mas essa semana é impossível, prometo na próxima, que tal?

— *Quero socar essa sua carinha, por ser uma viciada em trabalho, mas eu entendo. — poderia vê-la nitidamente revirando os olhos. — Fui a mulher que escolheu o trabalho no lugar do amor. — comentou e notei o tom triste em sua voz.*

Nina e seus mistérios do passado, com o cara que nem mesmo eu sabia quem era, mas que tinha seu coração.

— Eu acho que está na hora de ligar *pro* cara. — resolvi aconselhar, algo que raramente fazia. Tal assunto era código vermelho entre nós. Ela falava sobre quando estava pensando demais ou em modo bêbada dramática. — Passaram anos desde a faculdade, e bem,

ninguém é tão maduro assim nessa época.

— *Enfim. — cortou-me rapidamente, fugindo do assunto como sempre. O que sabia de fato era que ela terminou tudo entre eles. — O que está comendo, afinal? — indagou, e encarei a banana e morangos cortados em minha marmita.*

Saudável, porém, nada adequado para a batalha do resto da tarde. Era meu horário de café, e como Cael tinha saído para um café de negócios, ali estava, perdida em minha mesa, aproveitando a solidão ensurdecadora por saber que em algum momento, ele passaria pela porta.

— Tentando comer mais, claramente. — mexi com o garfo no pedaço de banana e o levei a boca. — Acho que vou melhorar nisso.

— *Falou com ele? — indagou, e seu tom de reprovação não me passara despercebido.*

Nina nunca entendera de fato como acabei me envolvendo com Cael e a forma como lidávamos com aquilo. Trabalho separado de prazer. Entretanto, existia o mais da paixão, que acabou me colocando em outro lado. Por aquele motivo, sequer comentei com ela sobre o que aconteceu no fim de semana. Decidi esperar sua pergunta, e ali estávamos.

— Sim e foi como o esperado. — engoli o pedaço de morango com força, sentindo minha garganta doer. — É uma merda ser rejeitada. Nada novo sob o sol.

— *E por que ainda está trabalhando aí? — sua pergunta soou como um grito e até afastei o celular da orelha. — Nunca vou entender esse seu lado virginiano com ascendente em ares, que parece determinado a permanecer no masoquismo.*

— Sou dura na queda. — comentei rindo, sabendo o quanto ela adorava chamar meu mapa astral feito em aplicativo como “demônio encarnado na terra”. — Aliás, o que poderia fazer?

— *Mandá-lo a merda e sair desse emprego?*

— Ou beber até cair por dois dias e depois disso, bola para frente. O salário compensa o soco no coração.

— *E quanto tempo sua mente vai aguentar toda essa pressão? — sua pergunta foi como um tapa na cara. — Se liga, maninha. Posso ver pelas suas fotos que não tem mais aquele brilho. Aliás, a forma como tem parado de comer. Só faz isso quando parece sem vontade de nada. Não se esqueça de quem é a mais velha aqui.*

— Sim, chefe. — tentei forçar a piada e olhei em direção as frutas. Seria normal comer aquilo entorno das três da tarde, se não fosse minha primeira refeição no dia. — Tenho faltado a terapia, é verdade... E talvez, tenha me descuidado um pouco, por...

— *Passar tempo demais tentando entender como se apaixonou pelo seu chefe? — ironizou e sabia que vinha mais por ali.*

Ouvi o barulho do elevador e suspirei, aguardando-a terminar de falar, para poder me despedir.

— *Você sempre vê romance onde não tem. Achou mesmo que um caso com o chefe poderia dar certo? Ainda mais, assistindo Netflix juntos? Qual é, Chia? Você já estava amando esse cara sem sequer perceber.*

— Ou seja, tudo criação da minha mente romântica. — acabei deduzindo, algo que pairava em meus pensamentos por um longo período.

Na realidade, desde quando comecei a me sentir diferente para com ele, principalmente, ao encontrar uma mulher saindo de seu apartamento, e me sentir mal, pela primeira vez por tal coisa. *Poderia ser meu ego? Minha imaginação fértil de romance com o chefe? Ele era o personagem perfeito para um falso amor?*

— *Queria eu que fosse. — resmungou, e foi no momento em que Cael entrou em meu campo de visão. Dei-lhe um aceno de cabeça, ao mesmo tempo que sabia que tinha mais cinco minutos de meu intervalo.*

— Eu também. — soltei um suspiro, e notei que Cael não seguira direto para a sua sala, parando a minha frente. — Tenho que ir. Nos falamos mais tarde? — indaguei, ainda sem coragem de encará-lo.

— *Aposto que ele está aí. Mande meus cumprimentos em suas bolas. — segurei a risada. — Até mais, maninha!*

Desfiz a ligação, e deixei o celular sobre a mesa. Respirei fundo e levantei meu olhar, encontrando o azul profundo de Cael. Ele parecia incomodado com algo, porém, sequer conseguia deduzir o que era.

— Falei com Anne. — continuei apenas o encarando, e comecei a buscar qualquer indício de que não era apaixonada por ele.

Tinha me precipitado? Nunca me apaixonei de fato por alguém, então, não existia embasamento algum. Porém, olhar para ele, era como levar um soco no estômago, e de repente, tudo ficava leve. Um misto de sentimentos confusos e que não esperava.

Meses de autonegação. Um dia de afirmação. Finalmente, uma declaração. No depois, tudo parecia voltar a autonegação. Sentia-me uma completa maluca. Presa em um ciclo sem fim. Ainda assim era bom olhá-lo, por mais que lembrasse a cada instante de nossa conversa na sexta-feira. Ou melhor, nosso ponto final.

— Anne Liv vai a reunião com a empresa de cosméticos, então, temos um novo compromisso as oito. — olhei-o sem entender, não conseguindo puxar nada em minha mente. — Sairemos daqui direto para o restaurante, então, não precisa organizar nada.

— Será com um novo parceiro ou uma reunião de emergência? Até mesmo, um simples jantar? — indaguei rapidamente, já abrindo meu computador, afim de começar a pesquisar o máximo que poderia.

Geralmente, quando estava em reuniões com Cael, era para analisar a estratégia pela visão do outro, e assim, ter um embasamento para sabermos como seriam tratados os

contratos. Era uma de minhas funções – ser perspicaz.

— Não se preocupe, já fiz os acertos. — sua voz soou mais baixa. — Apenas um encontro com o advogado.

— Ah, ok. — assenti, sem sequer imaginar a razão. Entretanto, Cael era homem que sempre fazia reuniões com diferentes advogados indicados por seu primo, para aderir possíveis profissionais a lista de confiança da empresa. — Isso é tudo, senhor Marini? — indaguei, e sorri internamente, por conseguir agir como se nada estivesse acontecendo. Por dentro é como se me queimasse.

— Isso é tudo, senhorita Moreira.

Deu-me as costas e foi em direção a sua sala. Assim que fechou a grande porta atrás de si, soltei o ar que mal sabia que segurava nos últimos segundos. Minha mente poderia até mesmo fantasiar alguma paixão por um CEO sedutor, entretanto, aquilo não justificava meu coração a ponto de sair pela boca, após uma simples conversa. Precisava ir para casa de minha mãe, fugir da selva de pedras. Era o melhor jeito de me reencontrar de fato.



Eram exatas sete horas e quarenta e cinco minutos quando Cael saiu de sua sala, claramente, pronto para o compromisso. Levantei-me, pois já sabia que seria no restaurante do outro lado da rua, portanto, não precisávamos nos apressar.

— Tudo certo, senhor Marini? — indaguei, assim que parou a frente de minha mesa, e assentiu, sem encarar-me nos olhos.

Não entendi ao certo o que acontecia, mas pelo que julgava internamente, ele estava

além da postura formal do dia a dia. Era como se me evitasse. O que não era uma grande surpresa.

— Vamos. — falou, e peguei minha bolsa, seguindo-o até o elevador.

Assim que adentramos a caixa de metal, encarei meus saltos e tentei pensar no documentário que me fizera chorar a algumas semanas. Era uma boa tática para não pensar de fato no presente, e que Cael estava tão próximo, que poderia sentir a tensão entre nós. Aquela atração mútua, infelizmente, parecia não ter se dissipado, mesmo após abrir minha grande boca.

Sabia que era um caminho sem volta. Ali estava eu, forçando-me a levantar o olhar, e encarar o espelho do elevador, fugindo do reflexo de meu chefe. De canto de olho, notei que Cael carregava o semblante de sempre – fechado. Um claro homem de negócios e ainda mais, o das decisões mais acirradas. Apenas queria poder me esconder e nunca mais tomar um elevador ao seu lado. Porém, fazia parte do dia a dia, e teria que provar tanto para mim quanto para ele, que nada mudaria. Meu trabalho vinha me primeiro lugar, sempre deixei bem claro, e sabia que ele concordava com tal conduta.

Assim que as portas finalmente se abriram, dei passos rápidos para fora e soltei o ar, puxando-o fortemente de imediato. Cael estava a dois passos de diferença, e felizmente, era boa em disfarçar tais alusões ao que ele me causava. Andamos lado a lado pela rua e em silêncio. Conhecia bem o restaurante que fora marcada a reunião, já que era escolhido dezenas de vezes por ser o local mais prático para que ele ou Anne Liv fossem.

Menos de cinco minutos depois, adentrávamos o charmoso local. Era de classe e principalmente, destinado aos executivos que trabalhavam nos arredores. A conta, felizmente, sempre era paga pela empresa, mas não me deixava menos assustada com o valor. O que me fazia querer pegar um uber e ir ao shopping mais próximo, para me deliciar em algum fastfood. Porém, não existia a possibilidade de fazerem uma reunião no Mcdonalds ou Burger King. Infelizmente.

— Senhor Marini. Senhorita Moreira. — o maître já era um conhecido e sorriu em nossa direção. — Seu acompanhante já os espera na mesa. Espero que aproveitem essa linda noite.

— Obrigado, Marques. — Cael respondeu, e passou a minha frente, claramente apressado.

— Tenha uma linda noite também, Marques. — sorri e ele assentiu.

Andei a passos perdidos dentro da imensidão do restaurante, mas foquei em encontrar Cael em meio as várias mesas ocupadas. Nunca o vi agir de maneira tão mal-educada, principalmente, deixando-me para trás. Geralmente era eu quem sabia a mesa em que sentaríamos. Suspirei, e continuei a andar. De tanto procurar, notei um velho conhecido no canto esquerdo do salão, tomando uma taça de vinho. Nossos olhos se conectaram, e o sorriso cafajeste já conhecido pendeu em seu rosto. Típico de Pablo Marini – o primo mais velho de Cael e Anne Liv.

Andei até ele, que se levantou rapidamente, e sem esperar muito, deu-me dois beijos no rosto. Ele era daquela forma, praticamente, o oposto do primo.

— O que faz perdido por aqui, Pablo? — indaguei, e ele piscou algumas vezes, como se não entendendo minha indagação.

— Tenho uma reunião com Cael e você. — franzi o cenho e tentei pensar o porquê Pablo estaria ali. Ele só era chamado em casos extremos e de sigilo. — Ele foi ao banheiro, mas logo deve voltar... Não sabe sobre o teor da reunião? — indagou de repente, e neguei com a cabeça.

Puxou a cadeira para mim, e aceitei de bom grado, agradecendo-o.

— Desculpe, eu... Não sabia que era com o senhor. — corriji-me rapidamente. Nunca o chamaria pelo primeiro nome se soubesse que era a respeito de trabalho.

Surpreendentemente, Pablo não me corrigiu por chamá-lo daquela forma. Pelo

contrário, parecia completamente sem fala.

— Está tudo bem? — acabei perguntando, diante de seu silêncio. Se tinha algo que Pablo Marini não fazia, era ficar quieto.

— Cael tinha que ter contado. Ele tinha que ter feito isso. — pareceu ainda mais nervoso e passou as mãos pelos cabelos. — Eu vou falar com ele antes, mas...

Assim que fez menção de levantar, sem ao menos pensar, toquei minha mão com a sua, impedindo-o.

— Afinal, do que isso se trata? — perguntei, sem entender todo seu alarde, mas sentindo que tinha algo muito errado.

— Chia, eu não quero...

— Pelo jeito, achou que eu sabia sobre a reunião... O que devia saber?

Pareceu pensar um pouco, mas em seguida, respirou fundo e apertou minha mão com carinho. Pablo era um amigo, acima de tudo. Pelos seis anos trabalhando na Marini, descobri nele, uma ótima pessoa. Assim como fora com Cael. Infelizmente, com o último, atravessei uma linha que não deveria.

— Cael me ligou ontem e disse que precisava de papéis para seu remanejamento para filial do Rio. — arregalei os olhos, e notei o pesar no olhar de Pablo. — Não pediu transferência, não é? — indagou e sequer fez questão de negar, estava nítido em meu olhar.

Ali, tudo fez sentido. Caindo como uma bomba em meu colo.

No mesmo instante, senti a presença de Cael e me soltei da mão de Pablo, levantando-me. Ele era alto, mas meus saltos, deixavam-nos cara a cara. Encarei-o com minha falsa raiva, e notei seu cenho franzido, assim como, os olhos azuis perdidos.

— Covarde. — praticamente cuspi as palavras, e ele pareceu entender. — Como pode ver, começamos a reunião sozinhos. — continuei-o encarando, e ele endireitou os ombros.

— Chia, acho melhor me ouvir primeiro e...

— Senhorita Moreira para você. — ele pareceu levar um tapa na cara, e queria que de fato o tivesse feito. — Achei me conhecesse o suficiente para saber que jamais mudaria meu trabalho por um sentimento estúpido. — fiz questão de pontuar. — Mas vejo que não sabe lidar sequer com o sentimento alheio. É bom apenas em fechar seus negócios, senhor Marini. Então, saiba que acabou de fechar mais um. — levantei as mãos e bati palmas. Sabia que olhares se virariam para nós, mas pouco me importava. Cael ultrapassara um limite que jamais deveria. São Paulo era o meu sonho, e nem ele nem ninguém se atreveria a tirar de mim. — Espero que esteja sendo clara, em alto e bom som. Eu me demito.

Seus olhos se arregalaram e notei que abriu a boca para dizer algo, mas nada saiu. Dei-lhe as costas por um segundo e até pude imaginar minha irmã gritando e batendo palmas diante daquele barraco. Porém, faltava algo. Algo que apenas o diabinho de Nina que vivia em meu ombro esquerdo, poderia aconselhar a fazer. E bom, o fiz.

Virei-me e olhei rapidamente para Pablo, com minha falsa calma que logo explodiria. Peguei a taça de vinho a sua frente e não pensei duas vezes, levei a boca, e senti o gosto suave. Cael não valeria aquele vinho, mas, era por uma causa nobre. Ao menos, para mim. Sorri e levantei a taça, jogando todo o conteúdo em seu rosto no segundo seguinte.

— Porra! — Pablo falou e abriu um lindo sorriso, vendo o semblante de Cael endurecer.

— Isso é tudo, senhor Marini.

Depositei a taça com força sobre a mesa, e finalmente, dei-lhe de fato as costas. Tudo o que queria era mandar aquele homem diretamente para o inferno. Infelizmente, uma única pergunta se passava por minha mente: como pude me apaixonar por ele?

A raiva me fez rumar diretamente para casa. Apenas consegui trocar meia dúzia de palavras com o porteiro, que consistiram em proibir a entrada de Cael Marini. Deixei uma lágrima descer, e limpei-a rapidamente. *Como se ele fosse tentar aparecer por ali e se desculpar por ser desumano.* Tive que rir sem vontade de me minha ilusão. Escorei-me contra a porta e me lembrei que não era do tipo que chorava sóbria. Uma bebida e poderia me debulhar em lágrimas a noite toda se quisesse. Entretanto, não seria o bastante. Precisava dar um ponto final. Como diria minha mãe: arrancar o mal pela raiz. Doía saber que aquele mal era Cael, e mais, custava o emprego que tanto amava. O emprego que tanto batalhei para conseguir.

Desde o momento em que realizei meu sonho de estudar na cidade que sempre idealizei como lar, até o momento, em que São Paulo se tornara tal lugar. Fui em direção a sacada, e encarei os belos prédios, a movimentação da rua, o trânsito, as pessoas... Suspirei fundo e levei as mãos a cabeça. Cael nunca conseguiria tirar aquilo de mim. Não me mudaria e deixaria aquele sonho de vida morrer por aquele emprego.

Tinha um ótimo currículo e com toda certeza, Anne Liv me daria uma boa recomendação. Era o suficiente para recomeçar em outra empresa e ainda mais, manter minha

vida ali. Senti algo macio passar por minha perna e me permiti sorrir. Sentei-me no chão no mesmo instante, e encarei minha pequena bola de pelos.

— Como foi seu dia, Noct? — indaguei, e ele ronronou, acomodando-se em meu colo. — Pelo jeito, não tão animado quanto o meu. — suspirei e apenas foquei no único homem que realmente valera a pena em minha vida – Noctis Moreira. Só poderia ser ele, pois era meu filho, ainda por cima, felino. — Bom, lembra do cara no qual se esfregou ontem? Então, ele queria nos mandar para outra cidade, longe da nossa casinha... — olhei em direção ao céu, e senti a dor daquilo. — Se ele ao menos tivesse me perguntado, tivesse me chamado para conversar... Por que ele não pode agir como um profissional, Noct? Ou quem sabe, como um velho amigo, mesmo sabendo que não somos? Sei lá, acho que esperava muito de Cael, mesmo que soubesse que seu amor era improvável. O mínimo de consideração, talvez?

Levantei-me com Noct em meu colo e adentrei a sala de estar. Joguei-me contra o sofá e repassei o dia de hoje, na realidade, queria esquecê-lo. Sabia quais eram os próximos passos, mas não queria pensar. Teria que apresentar minha carta de demissão e ainda, cumprir o período de aviso prévio. Pensei em como seria ainda trabalhar lado a lado com Cael depois daquilo. Suspirei, deixando minha bolinha de pelos sobre o estofado, e me levantei, indo até a bolsa jogada ao lado da porta. Apenas uma pessoa poderia me ajudar, e com certeza, me xingaria de todos os nomes possíveis. Entretanto, era minha melhor saída.

Assim que ela atendeu, nem lhe dei tempo de dar oi.

— Que tal ter sua irmã por um bom tempo ao seu lado? Tocando o negócio da família? — perguntei de imediato, e tentei parecer animada. No fundo sabia, precisava de férias.

— *O que diabos aquele filho da puta fez para você?*

Gargalhei alto, pois sabia que aquele era o jeito *Nina Moreira* de deixar claro que iria até o inferno por mim. Infelizmente, sentia-me nele naquele momento.

— Sabe aquele seu amigo advogado? — indaguei, e prendi o lábio inferior. — Disse uma vez que ele era o melhor. Preciso de um bom advogado agora, para me orientar no que fazer caso Cael não aceite meu pedido de isenção de aviso prévio.

— *Ok. — limpou a garganta rapidamente. — Vamos começar pelo começo... O que aconteceu?*

Suspirei profundamente, e voltei para o lado de Noctis. O gato manhoso apenas dormia, claramente, feliz em seus sonhos. Queria estar como ele, e sabia que precisava de apenas um incentivo de tequila para apagar em uma ótima noite de sono. Mas aquilo, seria, ao lado de Nina, revendo minha família. Engoli em seco e então, comecei a ditar para ela o que acontecera, e sabia, poderia se tornar uma ligação eterna. Pois os xingamentos viriam como uma enxurrada. Porém, seria um bom tempo para analisar a situação.

O que devia fazer?

Por mais que fosse o certo, não queria encarar Cael pelo tempo do aviso prévio. Na realidade, se fosse colocada a frente dele novamente, poderia até mesmo socar sua linda cara.

— *Então, pela primeira vez na vida, não vai agir como uma profissional? — a indagação de minha irmã não fora uma surpresa.*

— Não quero ficar presa a ele de novo. — passei as mãos pela testa, sentindo-me cansada. — Isso pode mudar amanhã, mas... Apenas pode ver com seu amigo se ele sabe de algo que possa fazer para evitar o aviso caso Cael não concorde com o pedido?

— *Que eu saiba, só se a empresa concordar. — bufei, pois sabia daquilo. — Aliás, por que não fala com sua ex chefe? Anne Liv vai entender. E ela é tão chefe quanto ele na empresa.*

— Anne Liv não tem nada a ver com isso. Não quero envolvê-la.

— *Não quer que ela saiba, isso sim. — revirei os olhos, mesmo sabendo que era verdade.*

— Isso também. — confessei. — Pode ao menos tentar falar com seu amigo? Ele conseguiu ganhar a causa da padaria, contra aquele funcionário ardiloso... Por favor, Nina.

— *O que a gente não faz pela família.* — reclamou e tive que sorrir. — *Eu falo com ele, ok?*

— Obrigada.

— *Mas enquanto isso e não tiver resposta, porque não pensa no fato de simplesmente encarar Cael e exigir, pelo mínimo de consideração, que ele te libere dessa merda.* — inquiriu e balancei a cabeça, encarando o nada.

— Cael não tem consideração alguma, Nina. Se tivesse, não teria feito isso.

— *Ou ele pode ser apenas um babaca e te querer longe.* — *suas palavras poderiam ser dolorosas, mas eram verdadeiras.* — *Não custa nada tentar.*

— Seria o jeito mais fácil, não é? — a pergunta saiu amarga de minha boca.

— *Você sabe a resposta.*

Eu sabia. Porém, não queria ter que me dispor aquilo. Entretanto, minha mente apenas girava em torno do fato de que sempre dei meu melhor para aquela empresa. *Por que simplesmente, não poderia dar o melhor quando chegava ao fim?* A resposta era simples e um tapa na cara: porque tinha me apaixonado pelo chefe. O pior erro que poderia cometer.



— Mas que porra você fez? — a voz de Pablo soou a minhas costas, mas sequer consegui lhe responder.

Peguei o lenço no bolso do paletó e o levei ao rosto, completamente molhado pelo vinho tinto. Sem saber ao certo como me sentir, acabei ficando paralisado por alguns instantes, sentindo os olhares de várias pessoas em minha direção.

— Cael.

Pablo insistiu e me virei, ainda limpando o rosto. Resolvi me sentar, para não dar ainda mais suprimimento ao showzinho que as pessoas estavam adorando. Pela vidraçaria do restaurante, conseguira ver Chiara passando do lado de fora, e com toda certeza, indo em direção a sua casa. Suspirei fundo, sabendo que havia cometido um erro.

— Merda! — praguejei, e encarei meu primo, que parecia a ponto de voar em meu pescoço.

— Se importa em agir como adulto em suas relações? Além de tudo, com Chiara, que tenho certeza passou do limite de assistente há um bom tempo? — indagou decepcionado, e desviei o olhar. Não queria tocar naquele assunto. Não era algo que dizia respeito a ninguém. A não ser, eu e Chiara. — Por que a colocou nessa saia justa?

— Ela disse que me ama, porra. — falei de uma vez, sentindo-me ainda pior. — Ela disse que não podíamos continuar fodendo porquê... Porque se apaixonou.

Pablo piscou algumas vezes consternado, como se absorvendo tal informação. Estava fazendo o mesmo desde o momento em que aquelas palavras saíram de sua boca. Fora como uma bomba ou choque, não conseguia entender como ela poderia se apaixonar por mim.

— Vocês sempre foram discretos, mas eu te conheço. — apontou o dedo em minha direção. — A forma como olhava para ela, mesmo disfarçando, sempre vi que a queria em sua cama.

— Nunca me envolvi com alguém do trabalho, sabe disso. Mas parecíamos tão certo

do que queríamos... *Porra!* Chiara também transa com outros, nunca cobramos nada um do outro. Então como isso foi acontecer?

— Sexo é muito diferente de amor, Cael. Pare para se ouvir por um minuto. — olhou-me como se fosse um completo imbecil. Naquele momento, sentia-me daquela maneira. — Você e Chiara podem ser parecidos e tudo começou bem, mas ela se apaixonou no meio do caminho. Como poderia evitar isso? A gente não escolhe quem ama. — notei o pesar em sua fala, e sabia que entendia bem melhor que eu sobre aquilo.

— Não queria magoá-la, só... Dar o espaço correto.

— Para quem, afinal? — indagou furioso. — Ela me pareceu muito bem aqui, antes de lhe contar o motivo. Ela agiu diferente com você no trabalho ou algo do tipo?

— Não. — neguei veemente e levei as mãos ao rosto, sentindo-o completamente grudento. — Ela pareceu estar apenas em um outro dia comum de trabalho.

— Exatamente, porra! Não percebe que meteu os pés pelas mãos? Chiara sempre deu tudo de si nesse emprego, e ela não deixaria o que sente por você falar mais alto.

— Sempre conseguimos separar muito bem o trabalho do prazer. — concluí, como se finalmente entendendo o buraco no qual me meti. — Só pensei que seria melhor para ela, não quero que ela sofra por ter que me ver ou...

— Fala sério, Cael! — bufou e bateu a mão na mesa. — Estava mesmo era pensando em si. Não sabe lidar com o fato de que Chia é apaixonada por você, e resolveu, simplesmente, a mandar para longe. É você, primo, que não está sabendo lidar com isso.

— Como deveria? — indaguei perplexo, já completamente perdido. — Estava tudo bem entre nós. Em todos os aspectos e de repente...

— De repente o cacete. — apressou-se a dizer. — Com certeza ela deu algum indício de que sentia algo em algum momento. Você que é cego demais, só pode.

— Ela não deu, tenho certeza. Apenas na última noite onde... Onde se declarou.

Chiara só pode saber esconder os sentimentos.

— Bom, aí está mais uma semelhança entre vocês. — acusou-me. — Agora, vê se enxerga o fato de que essa sua tentativa egoísta de a afastar, apenas a machucou ainda mais. Porque duvido que tenha lidado bem com a declaração.

— Não sei como lidar com isso, Pablo. — rebati. — Já tive várias mulheres se declarando, jurando amores... Mas o que vi no rosto de Chiara foi diferente. Isso não justifica a magoar, mas me assustou *pra caralho*. — confessei, e vi seu semblante mudar. — A considero uma amiga.

— Olha, vou dizer isso uma vez e espero que entenda, ok? — assenti, sabendo que Pablo era como um irmão mais velho para mim. Não existia possibilidade de seguir conselho de outra pessoa que não fosse ele. — Talvez o que vi no rosto de Chiara seja realmente diferente, porque o que ela sente é real. Diferente das outras mulheres que se envolveram com você. E o que te assusta, pode ser o simples fato de gostar disso.

— O que? — indaguei, completamente perdido.

— Sem repetição. — levantou as mãos. — Vejo na sua cara que está a ponto de ir atrás dela, mas não vai fazer isso.

— Acho que já foi o suficiente por hoje. — comentei. — Apenas preciso ir para casa e pensar no que fazer. Nunca quis prejudicá-la no trabalho ou que ela se demitisse.

— Fez isso no momento em que agiu apenas como um chefe sem o pinga de consideração, e tentou arrancá-la do emprego que ela se dedica há anos.

— Vou conversar com ela amanhã, e tentar esclarecer as coisas.

— Era o que devia ter feito desde o começo.

— Ok, porra, eu... Só estou confuso. — Pablo riu e o encarei enfurecido. — Não entendi a piada.

— Ah, primo, a piada é você. — gargalhou e resolvi ignorar seu comentário. — Essa

mulher te tira dos eixos e só você parece não perceber.

— Não me venha com essa! — cortei-o rapidamente. — Anne Liv já é da torcida de Chiara desde que ela entrou na empresa.

— Você está ferrado. — falou e se levantou, parando ao meu lado. Bateu em meu ombro e abriu um sorriso cínico. — Aguarde um pedido de demissão em sua mesa amanhã e já pense em como vai reverter isso.

— Só quero o melhor para ela.

— Não primo, você quer evitar o que ela te faz sentir.

Sem me dar tempo para responder, ele saiu. Encarei o outro lado da mesa vazio, e fora impossível não me lembrar de todas as reuniões que fizemos exatamente ali. Era como se pudesse vislumbrar a imponência, cabelos loiros ondulados, olhos verdes profundos e a astúcia. Chiara Moreira era a junção de tudo o que mais admirava. Percebi que tinha cometido um grande erro. Infelizmente, fora preciso levar vinho na cara para perceber e pior, magoando-a ainda mais. Suspirei, cansado de toda aquela merda. O final de semana fora o inferno, apenas consegui pensar em seu rosto e na forma como se declarou.

— *Não consigo mais. Nunca me deu esperanças de que isso se tornaria um relacionamento, e tudo bem. Mas... Eu me apaixonei, Cael. Eu te amo e não posso fingir que consigo te dividir com o mundo dessa forma. Porque eu não posso.*

Suas palavras rondavam minha mente a cada minuto, deixando-me perdido até mesmo no trabalho. Era como se me consumissem. Talvez Pablo estivesse certo, e não soubesse lidar com aquela declaração, e ainda mais, com a verdade estampada no rosto de Chiara. *Ela me amava*. Por algum motivo, pela primeira vez, não repudiei tal sentimento. Era como se na verdade tentasse entendê-lo e mais, o medo me atingisse com força.

Queria-a longe para poder evitar aquelas indecisões. Não era um homem que poderia tê-las. Porém, precipitei-me em tomar a dianteira sobre a transferência. Fora um erro o fazer antes de conversar com ela. *Por que estava tão aflito em ter aquele momento com ela, afinal?* Deixei tal pergunta de lado e apenas precisava focar em encontrar uma forma de consertar as coisas.

adeus indefinido

A stylized, cursive signature of the name 'Chiara' in black ink.

A noite passou em um estalar de dedos.

Para curar minha falta de sono apenas uma boa maquiagem, que me fazia parecer pronta para pedir demissão, e não a ponto de querer mandar tudo aquilo a merda. Já dentro do elevador privativo, encarei meu reflexo, e notei que estava, aparentemente impecável. *Por que não conseguia me sentir daquela forma, então?*

Suspirei, e segurei com força a pasta em minhas mãos. Nela, estava o papel completamente detalhado sobre que queria, e ainda mais, a solicitação de dispensa do aviso prévio. Não queria abrir minha boca e discutir sobre o assunto, e aquela, era a maneira mais fácil de agir. Colocar aquele papel a frente de Cael e torcer para que não se negasse a me dar o que pedia. No fundo, sentia que ele não o faria. Já que me queria o mais longe dali, com toda certeza, não me ter durante o aviso prévio seria um alívio.

O elevador parou e adentrei o andar que tanto se tornara conhecido. Seis anos sendo meu dia a dia. Desde o momento em que fora aceita por Anne Liv em minha entrevista de emprego, até o momento em que passei a trabalhar com Cael. Amava o trabalho e a forma como construía minha carreira. Formada em economia, com foco no ramo empresarial, ser

assistente executiva de pessoas tão poderosas era como ter uma ampla e aguçada visão do mundo dos negócios. Até mesmo as reuniões maçantes eram algo que me interessava.

Esperava poder me reencontrar em outro lugar além dali. Obviamente, nunca mais me envolveria com alguém do trabalho – muito menos meu chefe. Caminhei a passos certos e decididos, e encarei rapidamente meu relógio de pulso. Oito horas, e com toda certeza, Cael já estaria em sua mesa. Parei a frente da grande porta de madeira escura, e sequer olhei em direção a minha mesa. Trouxera uma bolsa grande o suficiente para poder levar o que fosse necessário. Sem cena dramática de sair com uma caixa em mãos. Aquela parte, realmente, era dispensável.

O que se passava ainda, e que me impedia de simplesmente bater naquela porta e lhe entregar minha carta de demissão, consistia no fato de que era a semana para a qual me preparava a meses. Todos na empresa o fizeram, e de repente, não estaria envolta do que aconteceria, muito menos, trabalharia para aquilo. Na realidade era humilhante. E por mais que quisesse agir como alguém que conseguia controlar tudo, não existia chance de fingir que Cael não fizera aquilo. Ia além do fato de ele não me amar, já era esperado. Porém, nunca esperei tanta falta de consideração. Ao menos, pensei que meu lado profissional fosse algo importante para ele.

Sem querer mais pensar, bati duas vezes na porta, e a abri em seguida. Ao contrário do que imaginei, Cael não estava em sua mesa. Notei-o de costas, encarando a bela vista da parede de vidro a sua frente. Em uma mão segurava algo, e a outra, parecia estar dentro do bolso. Alguns segundos se passaram, e ele pareceu perceber minha presença. Virou-se devagar, e permaneci firme, sem demonstrar nada. Ao menos, tentava. Seu olhar desceu para a pasta que carregava. Notei então que em uma de suas mãos estava um copo de uísque, o que era relativamente estranho, naquele horário no trabalho. Porém, não era um problema meu.

— Bom dia, senhor Marini. — falei, e dei um passo a frente, enquanto ele apenas me analisava. — Aqui está minha carta de demissão. — depusitei a pasta sobre a mesa.

Ele levou a outra mão ao rosto e a passou pelo queixo, como se não estivesse nem um pouco surpreso com aquela atitude. Se me conhecesse, ao menos um por cento, saberia que não voltaria atrás naquela decisão. Não trabalharia mais com ele. Sem dizer absolutamente nada, ele parou a frente de sua mesa e pegou a pasta em mãos, abrindo-a. O silêncio perdurou, enquanto ele lia atentamente cada linha, e não pude evitar de o analisar por alguns segundos. Ele era lindo, um fato incontestável. O contraste do despojado em seu íntimo, junto ao homem frio mostrado no âmbito do trabalho. Talvez aquela fosse uma das razões para ter me apaixonado. Ele ter me mostrado uma parte de si, longe do trabalho e além do sexo.

— Precisamos conversar. — sua voz soou mais amistosa do que realmente esperava. Ele deixou a pasta sobre a mesa e me encarou. — Sinto muito por ter agido daquela maneira, Chia. Sei que cometi um erro.

— Um erro? — indaguei incrédula, pois realmente, não esperava uma conversa. Porém, vinha preparada para milhares. — Acho que é um pouco tarde para conversar. Se estava desconfortável com o que disse sexta, bastava me dizer e te deixaria bem claro que nada... — suspirei profundamente, e senti que minhas mãos tremiam. — Nada ia mudar no trabalho.

— Vejo agora, Chia. — queria quebrar sua cara por insistir em me chamar daquela maneira. Ele não tinha mais aquele direito. Abri a boca para corrigi-lo, porém, ele foi mais rápido. — Talvez eu não esteja sabendo lidar com isso e não quero que pague o preço. Nunca quis que pagasse.

Arqueei minha sobrancelha, sem conseguir entender em que universo paralelo ele vivia.

— Você pouco se fodeu para todo meu trabalho. — acusei-o, sem me importar em parecer uma boa funcionária. Não o era mais, e não sairia dali sem ter aquela carta aceita. — Não preciso dessa merda na minha vida, Cael. — aponte o dedo em sua direção. — Sou uma mulher que sabe o que quer, ao contrário de você. Portanto, apenas espero que tenha um

pingo de consideração e aceite minha carta de demissão.

— Sei que não quer fazer isso e que...

— Não sabe porra nenhuma! — revidei, e seu semblante mudou. Ele parecia tentar processar o que acontecia. — O que imaginou? Que me pedindo desculpas por ser covarde, eu simplesmente, ia sorrir e acenar, e perguntar: isso é tudo, senhor Marini?

— Apenas quero corrigir meu erro. — refutou e passou pela mesa, vindo até mim. Estávamos a cerca de dois passos de distância. — Não tenho vergonha alguma de admitir isso.

— Ok, desculpas aceitas. — seu semblante suavizou, e me apressei a dizer. — Mas meu pedido de demissão permanece.

— Por que está insistindo nisso?

Sua pergunta me atingiu em cheio, e me lembrei das várias vezes em que me indaguei sobre o fato de insistir em querê-lo além do que poderia ter. Suspirei e tentei me concentrar no presente.

— Porque é o que quero. — olhei-o profundamente, sem querer dar chance para dúvida. — Talvez tenha acertado em querer me mandar para longe e não saber lidar com o que sinto. — enfatizei, e ele pareceu perder a pose. — Talvez nem eu mesma saiba, quem sabe não abriu meus olhos? — ironizei, e ele deu um passo a frente, ficando próximo demais.

— Nunca quis te magoar, Chia.

— E eu nunca quis te amar, Cael.

Rebati e notei que de alguma forma, o atingira em cheio. Desviei o olhar e balancei a cabeça. Senti-o se afastar, e assim, busquei-o novamente com os olhos. O vi pegar a pasta em mãos e soltar um suspiro, como se dando por vencido.

— Vou encaminhar para o RH e... Você sabe o restante do processo, certo?

Apenas assenti, e nossos olhares se conectaram por um momento, como se estivesse novamente em seus braços, perdida em seus toques e palavras. Longe de tudo, apenas nós. Talvez fosse daquela maneira que funcionávamos. Escondidos do mundo ao redor.

— Agradeço a oportunidade, senhor Marini. — soltei de uma vez, sentindo que precisava dar aquele encerramento. — Desejo sucesso a empresa.

Estendi-lhe a mão e notei seu olhar passar para a mesa. Ele então apertou minha mão e aquela conexão gostosa que apenas sentira com ele, percorreu cada célula de meu corpo. Queria ser puxada e tomada por seus beijos. Assim como, afastar-me e nunca mais encarar seu rosto. Optei pela segunda vontade.

— Desejo todo sucesso, senhorita Moreira.

Assenti e o vi engolir em seco. Dei-lhe as costas e saí de sua sala, fechando a porta atrás. Fechei os olhos por um segundo, sentindo que aquele dia não poderia piorar. Entretanto, assim que os abri, dei de cara com Anne Liv, que parecia a ponto de fuzilar alguém.

— O que diabos aconteceu, perfeitinha? — perguntou baixo e notei que pareceu genuinamente preocupada.

— Só preciso sair daqui, Anne. — falei com pesar. — Podemos conversar depois sobre? Ainda tenho que agradecê-la por tudo.

Sabia que ela gostaria de dizer *mais*, porém, pareceu notar e respeitar que meu estado não era capaz de absorver uma conversa naquele momento.

— Vou a sua casa, ok? — indagou e assenti, agradecendo-a internamente.

Fui em direção a minha mesa, ou melhor, ex mesa. Anne Liv me acompanhou com o olhar, e quando passei a jogar alguns objetos pessoais em minha bolsa, era como se ela finalmente tivesse a certeza do que a levou até ali. Alguém havia lhe contado sobre o que aconteceu, e claramente, não fora Cael.

— Pablo não está surtado. — comentou e lhe dei um sorriso amarelo. — Daqui uma hora em seu apartamento, ok? — indagou e acabei assentindo, mesmo sabendo que poderia ser um erro. Anne Liv fora quem me deu aquela oportunidade, afinal, devia a ela. Além da nossa amizade.

Sem mais, ela então adentrou a sala de Cael, e me apressei a pegar tudo o que me pertencia, e sair dali. Assim que consegui, em tempo recorde, apenas era possível ouvir os gritos de Anne.

— *Quem te deu o direito de agir feito um babaca?*

Fora o último grito que escutei, e acabei respondendo mentalmente: *acho que a consciência dele*. Adentrei o elevador mais uma vez, e encostei-me contra o metal. Assim que as portas iam se fechando, apenas vi o emprego dos sonhos se desfazendo, e esperava, que o amor por Cael seguisse o mesmo caminho.

um passo para trás, cinco para frente

Chiara

Alguns dias depois...

— Tudo resolvido. — falei, assim que coloquei a caixa de transporte de Noctis na calçada da frente de casa, e aceitei os braços abertos de minha mãe.

Apenas ela sabia que chegaria naquele dia, e com toda certeza, estava na porta há um longo tempo. Típico de Clarice Moreira. Ser envolvida por ela dava-me paz. Fazia um longo tempo desde o momento em que realmente passaria mais de um fim de semana com ela e minha irmã. Além de pode rever velhos amigos.

— Agora, precisamos cuidar é desse coraçõzinho. — indicou meu peito e dei de ombros. Sabia que Nina não se calaria a respeito, e com toda certeza, dispensou mil maldições sobre Cael para nossa mãe. — Mas quero sua versão dos fatos, Nina tende a ser um pouco...

— Violenta? — indaguei, provocando, e ela sorriu abertamente.

— Estou perdida com duas filhas de humor ácido. — gargalhei, e aproveitei para trazer Noctis para cima. — Aliás, que saudades do meu netinho favorito.

— Ele é o único. — resmunguei, mas sorri. — E ainda é um gato.

— Ele não destruindo a casa toda está tudo bem. — deu de ombros, ainda mexendo na portinha, e com toda certeza, Noctis estava escondido ao fundo. A viagem de carro não fora nem um pouco fácil devido ao fato de ele odiar o movimento.

— Não prometo nada. — levantei uma mão em sinal de rendição e ela apenas revirou os olhos.

— Eu te ajudo com meu netinho. — apressou-se a pegar a caixa de Noctis e entrar.

Voltei até o carro, parado à frente da casa onde cresci. Sempre era nostálgico estar ali, mesmo nos melhores momentos – como as festas de final de ano. São Paulo era meu sonho e lar desde muito jovem, porém, ali, sempre seria uma parte deixara uma parte de minha alma, e poder ficar por um longo período, mesmo por motivos não muito felizes, fazia-me ao menos, ver o lado bom de ser rejeitada e perder o emprego.

— Vou pegar as malas. — gritei, e demorei alguns bons minutos do lado de fora, tentando tirar a mala que poderia pesar uns trinta quilos facilmente.

Talvez fosse um pouco exagerada, e nunca conseguisse levar menos. Além da outra mala, menor, onde trazia as coisas indispensáveis. Na realidade, tudo ali, o era.

Forcei mais uma vez meu braço, na tentativa de levantar a mala, e por fim, pensei que finalmente tinha conseguido. No segundo seguinte, me desequilibrei, e tive a certeza de que iria de cara com o chão e a mala me amassaria. Algum osso sairia quebrado. Só poderia ocorrer em um milésimo, mas, senti braços fortes me escorarem, assim como, segurarem a mala. Suspirei aliviada, com o peso afastado de meu corpo, e então, encarei o homem ao meu lado.

Olhar para Lúcio, mesmo depois de tanto tempo, parecia fazer o tempo parar. Meu vizinho, amigo, primeiro beijo e até mesmo, primeira vez. Ele era o mar de emoções máximas que poderia ter vivido naquela pequena cidade. Os olhos amendoados me encararam leves, assim como, o sorriso de menino no rosto. Um contraste perfeito com o corpo ainda mais

musculoso e sua altura.

Ele mexeu no boné de cor preta, com o logo da mecânica da família e continuou a me encarar.

— Por que sempre tenho que te livrar de encrenca, gata? — indagou, e tive que sorrir, assim que ele colocou a mala no chão.

Praticamente pulei sobre seu corpo e nos abraçamos. Sentia falta do meu amigo, ainda mais, da forma como sempre nos divertimos.

— Não conta a última vez. Foi culpa da Nina aquela bebedeira toda. — pisquei com um olho, e me afastei. Ele balançou a cabeça, negando. — Qual é, eu sou a irmã correta aqui.

— Algo correto é o que não existe na sua cabeça e na dela. — bateu em minha testa, para provocar. — Aliás, ao que devo sua ilustre presença na cidade? — indagou e revirei os olhos de seu deboche.

— Vou passar um tempo por aqui. — resolvi não tocar no assunto de Cael. Apenas minha família sabia a respeito, e por mais que confiasse em Lúcio, não era um assunto que gostaria de tratar com ele naquele momento. — E você? Não deveria estar no trabalho nessa hora? — indaguei, e ele deu de ombros.

— Carlos praticamente me expulsou, porque tenho um encontro. — arregalei os olhos, e segurei a gargalhada. — Ei, não me olha assim! — explodi em um riso, e ele segurou meus ombros.

— Desculpa, mas onde está o homem que jurava que não ia a encontros? — debochei e ele pareceu um pouco acuado. — Não me diga que...

— Uma forasteira, mudou há cerca de dois meses e bom... Ela é diferente.

— Puta merda! — soltei, completamente incrédula. — Não acredito que Lúcio Alves está apaixonado. — apontei para seu coração, e ele arregalou os olhos.

— Eu não... Ok, eu não sei o que to sentindo por ela. Só vamos tentar.

— Então vai logo se arrumar *pro* encontro. — pisquei e segurei suas bochechas com força. Gesto que ele odiava, mas adorava vê-lo incomodado. — E depois, aparece em casa para me contar como foi, e claro, quem é ela.

— Ok, sua intrometida. — afastou-se de meu toque, e se inclinou para dar um beijo em minha testa. O carinho que nunca perdemos. — Tente não se matar com as malas. — falou, assim que se dirigiu para a casa ao lado da minha.

Dei-lhe o dedo do meio, fazendo-o gargalhar.

— Tenta ser um cavalheiro. — gritei, e ele assentiu, ainda sorrindo.

Puxei as malas para dentro de casa, e assim que adentrei a sala de estar, paralisei diante da cena que me recebeu. Minha mãe estava deitada no sofá, com Noctis sobre sua barriga. Ela com certeza caíra no sono, e felizmente, aquela bolinha de pelos parecia afim de compartilhar o momento e não destruir a casa toda.

Sorri da cena, e peguei o edredom jogado sobre o outro sofá, cobrindo suas pernas. Poderia até imaginar o porque de estar tão cansada. Ela acordava todos os dias com as galinhas, como a mesma diria. Aquilo, para deixar tudo pronto para os clientes da manhã na padaria, o horário mais movimentado, segundo Nina. O que me lembrou que era hora de ir surpreender minha irmã no trabalho. Com toda certeza, ficaria puta por não a ter avisado que chegaria hoje, entretanto, seria um bom esporro, porque ao menos, seria pessoalmente.

Fui até a cozinha e procurei algum caderno e caneta dentro dos armários. Felizmente, encontrei rapidamente, e deixei um recado para minha mãe ler quando acordasse. Deixei o papel grudado na geladeira com um imã e segui para fora de casa. Assim que encarei a rua mais uma vez, senti que estava onde deveria. Pela primeira vez, em meses, completamente perdida pelo sentimento que Cael me causava, parecia começar a me reencontrar. Talvez fosse mesmo o melhor jeito de virar aquela página.



Parei à frente da padaria e o nome em rosa gigante “Claridoce” fez-me rir como sempre. Por mais cafona que fosse, adorava o fato de que aquele lugar resumia nossa mãe por inteira. Ela fora a mulher que batalhou contra tudo e todos para dar a mim e Nina a oportunidade de realizar nossos sonhos. Abandonada por um completo imbecil, vulgo aquele que jamais chamaria de pai, ela se desdobrou, fez empréstimo no banco e começou seu pequeno negócio.

Lembrava-me desde sempre, de como eram as manhãs no que era apenas uma parte da padaria atual, onde Nina e eu, ficávamos rabiscando folhas e nos distraíndo, enquanto ela se virava em mil. Infelizmente, até completarmos a idade de ir para a creche, era a única maneira de ela cuidar de nós. Porém, nunca a vi reclamar, em momento algum, das dificuldades.

Sorri, vendo o quanto seu sonho continuava em pé, e agora, ocupava praticamente todo o final do quarteirão do centro. Uma padaria como aquela, já se tornara ponto de encontro da cidade, assim como, eram feitos grandes pedidos de doces e salgados para comemorações. Adentrei o local, e o barulho do sininho na porta me fez rir novamente. Típico de minha mãe. Olhei ao redor, e notei o quanto estava cheio, mesmo sendo em torno de uma da tarde. Talvez a maioria das pessoas fossem como eu, optavam por um doce logo após o almoço. Parei a frente do balcão e uma jovem de cabelos escuros me encarou, com um sorriso amistoso no rosto.

— Boa tarde, senhorita. — falou, e sorri para o uniforme na cor rosa e branco que lhe caía *superbem*. — O que gostaria de provar hoje?

Minha falta de fome pareceu morrer ali. Mordi o lábio inferior, caindo em completa tentação, quando olhei em direção aos doces que sabia, era minha mãe que fazia. Obviamente,

que pela alta demanda, existiam outros funcionários que os faziam, porém, sabia exatamente quais ela nunca abria mão. Meus olhos bateram no Sonho de Fada e minha escolha estava feita. Era na realidade, um sonho normal à primeira vista, porém, a primeira mordida, mostrava porque aquilo recebia tal nome.

— Um sonho de fada e uma coca pequena, por favor. — pedi, e a jovem assentiu, já se apressando a pegar meu pedido. — Você sabe me dizer onde Nina está? — indaguei, assim que colocava o sonho sobre um prato e em seguida, a minha frente, no balcão.

— Sim, ela está no escritório. — comentou e assenti. Logo ela deixara uma coca-cola a minha frente. — A senhora gostaria de copo ou canudo? — indagou e neguei com a cabeça.

— Está bom assim, obrigada. — ela assentiu e se afastou.

Peguei meu doce em mãos e dei a primeira mordida, praticamente sendo levada para outro mundo ao comer aquilo. *Nossa senhora das viciadas em doce!* Aquilo era o próprio céu na terra. Olhei ao redor, enquanto comia, e tentei me lembrar de onde ficava o escritório. Porém, assim que avistei as escadas, que imaginei dar para o segundo andar, e quem sabe, onde minha irmã estaria, vi-a descendo. Ela não me notou de imediato, claramente, falando com alguém no celular. Aguardei então, que ela seguisse o caminho, e a pararia assim que passasse ao meu lado.

— Eu sei que não está tudo bem, mas mesmo assim.. Obrigada. — sua voz soou baixa assim que se aproximou e notei seu olhar perdido. Era um assunto que a afetava, e com toda certeza, forçaria aquele túmulo a se abrir.

Assim que ela parou ao meu lado, praticamente pulei a sua frente, e Nina soltou um grito.

— Puta merda! — reclamou, e seus olhos se transformaram. Seu semblante demonstrando incredulidade. — Depois a gente termina essa conversa.

Ela então tirou o celular da orelha e o bloqueou, guardando no bolso da calça. Como

diria nossa mãe, eu era a versão com olho verde e altura de Nina. Porém, nunca vira uma mulher mais linda que ela. Abri os braços e sorri abertamente.

— Surpresa! — praticamente gritei, e senti os olhares em nós.

— Vem aqui, maluca. — puxou-me para si, e senti-me ainda mais certa do que faria. — Vai me contar *tim tim por tim tim* de aparecer do nada, e mais... O que veio fazer aqui se disse que ia atrás de emprego?

— Bom, tenho dinheiro no banco e seguro desemprego... No fim, Anne Liv conseguiu me dobrar, e vou receber todos meus direitos.

— Nada mais justo. Deu o sangue por aquela merda. — sorri de sua boca suja, e não me apeguei aos detalhes.

— Então, resolvi passar um tempo por aqui. Até mesmo, posso ajudar na padaria se quiserem. — comentei e vi que por mais que tentasse disfarçar, Nina estava preocupada. — E sem contar, que sinto falta de encher a cara com a minha irmã preferida.

— Nem vou dizer, mas parece nossa mãe falando. — bufou e segurou meus ombros, claramente me analisando, a frente de todos. — Vai ficar em casa sim, e com toda certeza, vamos encher a cara, mas antes... Vamos conversar.

— Já sabe tudo, Nina! — resmunguei e ela deu de ombros.

— Se não quiser dizer, se prepare! Tirarei tudo de você quando estiver bêbada. Não se esqueça que fica dramática ao extremo.

— Vou começar o dia com coca-cola. — pisquei e peguei minha latinha no balcão, desfazendo o lacre. — E depois cerveja.

— E muita vodca e tequila, maninha. — provocou. — A gente arranca esse amor aí, nem que seja na base do álcool.

Gargalhei e deixei a latinha de lado. Puxei minha irmã para meus braços mais uma vez, e ela veio de bom grado.

— Senti sua falta. — confessei, e não pude evitar ficar feliz por estar ali.

Apesar dos pesares. Era tudo que realmente precisava.

uma dose de tequila e nada esquecido

A stylized, cursive signature of the name 'Chiara' in black ink. The letter 'C' is large and ornate, with a long, flowing tail that loops around the 'h' and 'i'. The 'h' and 'i' are also cursive, with the 'i' having a small dot. The 'a' is rounded and ends in a small loop.

— Mais duas doses de tequila! — Nina praticamente gritou para que o barman conseguisse ouvir.

A música extremamente alta explodia por todos os lados. A pista de dança estava bombando, e o povo parecia pouco se importar por ser um sertanejo tão depressivo misturado com pop. Porém, não poderia reclamar. Era irritantemente perfeito para mim. Sabia que logo mais, algum funk iria estourar pelo local todo. Aí sim, me deixaria levar por completo.

Duas doses de tequila foram colocadas a nossa frente, assim como limão e sal. Olhei para minha irmã e sorri. Amávamos aqueles momentos, em que simplesmente, soltávamo-nos por completo.

— Pronta? — perguntei, no momento em que coloquei o sal na mão e ela fez o mesmo.

— Nasci assim, maninha!

Então, como se nossa telepatia fosse perfeita, gritamos juntas:

— *Arriba, abajo, al centro y adentro!* — virei a dose, e senti a bebida descer queimando minha garganta.

No mesmo instante era como se fosse teletransportada para quando fazia o mesmo com Cael. Dois completos malucos que adoravam apostar quem bebia mais. O que acabava, geralmente, em nós dois na cozinha completamente nus. Aquele tipo de pensamento apenas me dava duas certezas: primeira, ainda não tinha bebido o suficiente; segunda: no mínimo, mais umas cinco rodadas para começar a esquecer.

A bebida não era solução para nada – fato. Porém, era uma boa distração, e sempre adorei festas e bebida alcoólica. Era o meu jeito de ser, e não mudaria por nada, muito menos por alguém.

— Levanta daí! — Nina praticamente exigiu e o fiz.

Assim que chegamos a pista de dança, um funk estourou para todos os lados como se me dando boas-vindas. Gargalhei no momento em que Nina desceu até o chão. Fiz o mesmo no segundo seguinte, sem me importar com nada. Sentia-me triste pelo que acontecera, mas nada melhor, do que um momento tão animado para deixar para lá – no canto do esquecimento por algumas horas.

Chegou no refrão e Nina jogou o cabelo e gritou a música em minha cara.

*“Tô dando risada bem da tua cara
Sentando, quicando e jogando pra trás*

Quer mais? Quer mais? Quer mais?

Aguenta, vai!

Quer mais? Quer mais? Quer mais?

Aguenta, vai, vai, vai”



— Se segura em mim! — falei, e Nina praticamente pulou em minhas costas, quase me derrubando no meio da rua. — Puta merda, Nina! — reclamei, mas acabei gargalhando.

Se eu tinha bebido muito, Nina fizera o dobro. Porém, ela apenas se divertia com aquilo e sequer alterava muito. Pular na rua e me atormentar, era protocolo oficial do dia a dia comum. Nunca saberia como ela aguentava beber tanto e não ficar completamente bêbada. Depois de várias cervejas, doses de tequila e vodca, finalmente, estávamos voltando para casa. Suadas, cansadas e bêbadas, mas importante, o rímel continuava intacto pelo que olhei no espelho da boate minutos antes de sairmos.

— Ainda tem aquela conveniência fica aberta 24 horas? — indaguei, e ela assentiu, passando a minha frente, e dando um giro.

Era uma cidade pequena e praticamente todos se conheciam. Como sempre, dávamos ainda mais material para como nos denominavam: as filhas sem limites da Clarice. Sorri, pois no fim, como todo mundo, éramos apenas livres e fazíamos o que queríamos.

— Quer tomar algo? — perguntou em deboche e revirei os olhos.

Já eram em torno das três da manhã e depois de tanta bebida, tudo o que queria era algum ruffles ou qualquer outro salgadinho.

— Quero comer! — enfatizei e ela sorriu mais, vindo ao meu lado e passando o braço por meus ombros.

— Senti falta disso. — comentou.

— Eu também. — concordei e andamos daquela forma, até a conveniência do posto

de gasolina que era a única coisa aberta na cidade em tal horário.

Adentramos o local, e não pude evitar um sorriso, assim que dei de cara com Lúcio, encostado no balcão.

— E aí? Fazendo extra hoje? — Nina perguntou, praticamente se escorando sobre o balcão e ele deu de ombros.

— Um amigo pediu para fizesse o favor e ainda tiro um extra, e cá estou. — fez um sinal com as mãos, e se indicou. — O que as duas fazem aqui, claramente bêbadas?

— Encher o bucho. — Nina se adiantou a dizer e tive que sorrir. Ela não era nem um pouco fã de sutileza. — Aliás, pode ir nos contando sobre o encontro enquanto procuramos algo para comer e te atormentamos aqui. — praticamente exigiu e acabei gargalhando da cara assustada de Lúcio. Mesmo depois de tantos anos, ele ainda parecia intimidado por ela.

Andei até os salgadinhos e felizmente, encontrei o ruffles que tanto queria. Fui até a geladeira e procurei um refrigerante para poder me ajudar a ficar desperta, e claro, não perder o costume de me entupir de coisas tão *saudáveis*. Queria muito começar a mudar meus hábitos alimentares, porém, nunca o fizera de fato.

Notei que na grande televisão atrás de Lúcio, passava um show sertanejo, e poderia jurar que era alguma perseguição para que lembrasse de Cael, e ficasse exatamente da forma que as letras eram cantadas.

— Então foi um fracasso? — Nina indagou, e levou um copo com líquido preto a boca, que só poderia ser café. Notei Lúcio com uma garrafa térmica em mãos e tive a confirmação.

— Somos muito diferentes. — ele confessou, e sentei ao lado de Nina, aproveitando o teor da conversa. — Sei lá, por mais que a queira na minha cama, não rolou *aquela* coisa.

— Por isso sertanejo *sofrência*? — indaguei, e Nina gargalhou ao lado.

Ele apenas deu de ombros e aumentou o volume da televisão.

— Sério isso? — fingi-me de indignada, e ele sorriu, dando a volta no balcão, vindo até mim. — O que sugere?

— Parece estar sofrendo, gata.

Dei de ombros e resolvi não entrar no assunto. Mas Nina estava ali, e com toda certeza, faria questão de lembrar.

— Rejeitada. — soltou e revirei os olhos de sua falta de tato.

— Vem cá! — Lúcio me puxou para si, enquanto a música nos embalava. — Nada como dois fodidos em relações e um sertanejo desses! — gargalhei e ele me girou. Parecia ser leve, e por um segundo, apenas queria algo assim. Descomplicado, simples e sem pretensão.

Nina se levantou e a vi com minha garrafa de refrigerante nas mãos, encenando um microfone, e soltando a voz. Sabia que ela sofria por alguém, mas nunca se abria de fato. Apenas partes do passado e um homem misterioso.

“Meu orgulho caiu quando subiu o álcool

Aí deu ruim pra mim

E, pra piorar, tá tocando um modão

De arrastar o chifre no asfalto”

Acompanhei-a, e Lúcio não se fez de rogado. Ele poderia até ter dito que não rolara algo, mas ali, entregue como nós, sabia que os três estavam na mesma.

“Tô tentando te esquecer

Mas meu coração não entende

De novo, eu fechando esse bar

Afogando a saudade num querosene

Vou beijando esse copo, abraçando as garrafas

Solidão é companheira nesse risca faca

Enquanto cê não volta, eu tô largado às traças

Maldito sentimento que nunca se acaba

Ô ô ô, ô ô ô

A falta de você, bebida não ameniza”

Gritei a parte e gargalhei em seguida, ao mesmo tempo que meu coração batia freneticamente, lembrando-me do que não devia, mas que insistia em me atormentar – Cael Marini e o que me fazia sentir. Realmente, nem mesmo a bebida me fazia esquecê-lo.

10

âmago bagunçado



— Noite difícil, gato?

Ignorei a pergunta e levei o copo de uísque a boca, procurando algum conforto para o que sequer conseguia explicar. Porém, a morena ao meu lado não parecia com a intenção de desistir, e logo senti seus dedos tocando meu ombro, como se para chamar atenção. Mal sabia ela, que de canto de olho a vi chegar, e minha opção fora simplesmente ignorar.

Não estava naquele bar para me envolver com alguém, apenas esperava Pablo chegar e em seguida, queria esvaziar a mente e beber. Porém, percebi que era uma péssima ideia o fazer ali. Talvez o melhor jeito fosse ir para casa beber, e não me encontrar com meu primo. Sequer entendia porque aceitei seu convite.

— Estou bem — falei, e a encarei brevemente.

Era uma mulher bonita, não poderia negar. Em qualquer outro dia, até mesmo, algumas semanas atrás, não pensaria duas vezes em levá-la para casa. Entretanto, ali estava eu, sem conseguir foder com alguém, porque a declaração de Chiara *fodeu* minha cabeça.

— Ok. — ela se afastou, claramente notando que não conseguiria nada e que

realmente não era uma boa noite. Ela não a melhoria. Acho que ninguém seria capaz.

Senti um leve tapa em meu ombro, e me virei, dando de cara com meu primo, que trazia seu semblante sereno de sempre. Muitas vezes quis me espelhar em Pablo e agir como ele, ser sempre simpático e sorridente, entretanto, nunca fora meu forte. Não era bom em muitas coisas fora do trabalho, e principalmente, conectar-me com outras pessoas. O mais perto que cheguei de um namoro de fato fora na adolescência, e tinha apenas quinze anos na época. Não era como se contasse.

— Um uísque duplo. — ele pediu ao barman, que logo o serviu. Seu olhar virou para o meu, assim que se sentou ao lado. — Então, como está?

— Sério que me pediu paravir aqui para saber sobre bem-estar? — bufei, e levei o copo de bebida a boca mais uma vez.

— Anne Liv me ligou e pareceu preocupada. — olhei-o com atenção. — Sei que não tenho que me meter nas brigas de vocês, mas nunca a vi tão puta a ponto de não querer conversar com você, e me acionar para isso. — acusou-me e dei de ombros.

— Ela estava defendendo Chiara. — comentei, e lembrei de como ela me enfrentou a alguns dias.

Justamente quando Chiara desapareceu de minha frente e não nos vimos mais. Fazia apenas uma semana em minha conta, e não conseguia entender o porquê dos dias se arrastarem.

— *O que tem na merda sua cabeça, irmão? — o grito de Anne Liv não poderia ser diferente.*

— *Anne, por que está gritando? — indaguei, mesmo que a resposta fosse óbvia.*

Minha irmã sempre defendera sua perfeitinha com unhas e dentes, por isso, já esperava tal reação. E já imaginando que Chiara não falaria abertamente sobre o que aconteceu e acabara de sair dali, só restava uma opção – Pablo.

— Não vou me dar ao trabalho de responder. — apontou o dedo em minha direção.
— Acha mesmo que tem o direito de realocá-la pra aqui? Não se esqueça que sou tão dona quanto você dessa empresa! — gritou ainda mais e respirei profundamente, segurando-me para não piorar a situação. — Quem te deu o direito de agir feito um babaca?

— Eu pedi desculpas... Percebi que errei e...

— Depois que levou uma taça de vinho na cara? — debochou. — Faça-me o favor, irmão. Chiara devia ter quebrado a taça em sua cabeça de merda!

— Por que está gritando comigo, afinal? Já aconteceu, tentei consertar mas Chiara parece irredutível. — conformei-me e ela me encarou balançando a cabeça em sinal negativo.

— Será que não enxerga o óbvio? — perguntou e a encarei ainda mais perdido.

— Não me venha com seu sonho de me ver casado com Chia! — revidei.

— Eu realmente imaginei que dariam certo, vocês são muito parecidos e... — suspirou profundamente, e podia notar a decepção em seu tom. — Sempre respeitei seu modo de levar a vida pessoal. Sem amarras e tudo mais. Sou como você, afinal. Mas, sempre vi os olhares entre vocês que existia algo diferente. O que você não viu, ou ao menos, não quis ver.

— Ou você anda vendo demais. — refutei e ela deu de ombros.

— Estou decepcionada, de verdade.

— Anne...

— Pode ao menos, pensar em ter respeito com as pessoas, irmão? — senti o peso de suas palavras. — Pablo me contou por cima o que houve e o que ele sabe... Mas se alguém diz que te ama, ao menos, tenha respeito.

— Eu sei que errei.

— Então seja homem o suficiente para não fazer isso novamente. Não com ela ou

qualquer outra mulher. — revidou e assenti, sentindo-me perdido.

Suspirei fundo, libertando-me daquelas lembranças e continuando o que dizia: — Não a culpo por isso. — complementei, e encarei meu primo, que bebia um pouco. — E vou muito bem, como pode ver. — mostrei-lhe o copo de uísque quase vazio, e Pablo franziu o cenho. — O que foi?

— Essa semana foi ferrada na empresa, não é? — indagou e acabei apenas assentindo. — Por que não o vi na festinha de ontem na casa de Ulisses?

— O que quer que eu admita? — perguntei, já cansado de tudo aquilo.

De um lado minha irmã simplesmente decidiu ignorar minha existência, mesmo trabalhando a poucos metros de mim. Do outro meu primo e praticamente irmão mais velho, como um conselheiro amoroso dos infernos. E no fim, Chiara sequer respondera as mensagens que lhe enviei. Na realidade, eles nem chegaram, o que deixava claro – ela me bloqueou. — Quer aconselhar sobre o que fazer a respeito do meu erro? Chiara era uma amiga e eu ferrei com isso. Não queria ter feito, e não sei como consertar. Ainda mais que ela saiu da cidade.

— Como sabe que ela saiu? — indagou em seu tom debochado e poderia esganá-lo ali.

— Fui até o apartamento dela, tentar conversar e fazê-la voltar para a empresa, como assistente de Anne Liv novamente. Mas o porteiro além de me informar que não poderia subir, soltou depois de muita lábia, que ela estava de férias. — admiti sem vontade.

— Acha mesmo que ela era uma amiga? Simples amiga? — Pablo perguntou e não soube respondê-lo.

Naqueles poucos dias longe, tentava me convencer que a falta massacrante dela era apenas pelo fato de termos passado os últimos dois anos lado a lado. Seja na empresa ou em uma cama. Porém, Chiara nunca foi apenas uma foda, sempre a considerei uma amiga. *Por*

que não conseguia simplesmente consertar as coisas? Agi como um carrasco e queria me redimir por aquilo. Não porque esperava que ela voltasse para minha cama ou até mesmo como minha assistente. Não sabia nem o que esperar. Entretanto, doía saber que fui o responsável por colocá-la daquela maneira para fora de minha vida. Chiara até então era uma constante.

— Ela é importante para mim e acabei me assustando com o que ela disse.. Agi feito um moleque assustado, sei disso. — nunca me senti tão babaca em meus 36 anos. Era como se sua declaração tivesse me deixado inerte, e de repente, ferrei com tudo.

— Já parou para pensar que pode estar sentindo o mesmo que ela e por isso correu? Optou por afastá-la? Com medo do que você sente? — indagou e o encarei sem a mínima vontade.

— Viemos aqui para tratar dos meus sentimentos, sério? — neguei com a cabeça, sentindo-me cansado. — Não sei o que sinto de fato, Pablo. Se soubesse não teria agido daquela maneira.

— Espero que perceba então, de uma vez. — bateu em meu ombro. — Porque se estiver apaixonado por aquela mulher, e pisou na bola dessa forma, terá muito o que fazer.

— Eu não...

Fiquei quieto e encarei as bebidas a mostra no bar. Suspirei sem conseguir terminar a frase.

— Como já te disse antes, foder é diferente de amar... Pode foder com muitas mulheres, primo. Mas se tem aquela para qual sempre volta, é melhor se preparar.

— Para o que? — indaguei, sabendo que Pablo apenas me convidou para me dissecar por completo.

— Para o amor. — levantou o copo em minha direção. — E pode ter certeza, quando se é rejeitado, o amor pode não voltar fácil. Não mesmo.

Engoli em seco e tentei jurar a mim mesmo que logo, tudo voltaria ao seu lugar, e que a falta de Chiara em meu dia e dia, e noites, não seria tão massacrante. Ledo engano. Era apenas o começo de meu martírio.

saudade do que fomos, do que somos

Chiara

Semanas depois...

— Por que vai se sujeitar a isso? — Nina perguntou pela milésima vez e revirei os olhos, jogando a pequena mochila nas costas.

— Porque sou uma covarde seletiva. — pisquei em sua direção. — E outra, já faz quase um mês que não piso em casa, preciso começar a enviar currículos e mais, terminar a decoração. E não quer dizer que vou esbarrar em Cael em alguma esquina.

— Mas com certeza vai esbarrar com ele no aniversário da irmã. — revidou e dei de ombros, sem querer discutir sobre. — Você chegou aqui parecendo um bichinho do mato, e curamos com muito amor, vodka, e tequila. — sorri, lembrando-me de nossas noitadas. — Tem certeza que quer voltar já? Ainda mais, ir nesse aniversário?

— Por que não? — indaguei, como se para mim mesma. — Preciso superar Cael, e estar frente a frente, pode me dar a chance de não o ver como antes.

— Ou te fazer sofrer. — toquei seu braço, tentando acalmá-la.

— Sei me cuidar. E além disso, já te convidei para passar um tempo comigo. — seu

semblante mudou, e sabia que não entraria no assunto, caso não insistisse. — Por que não vai a festa de Anne Liv comigo? — indaguei, pela milésima vez, e ela negou no mesmo segundo. — Ok, mas se mudar de ideia, lembre que tenho direito a acompanhante. Deixei o seu convite no criado-mudo.

— Chia! — ralhou.

— O que? Não posso querer minha irmã *numa* festança como a de Anne Liv? Qual é, comida e bebida boa de graça! Além de que, se eu sofrer pode socar a cara de Cael. De toda forma, eu passo próximo final de semana aqui. Não vai ser o fim do mundo.

— Você joga baixo. — reclamou, e gargalhei.

— O convite continua em pé. — pisquei, e ela assentiu. — Agora, deixa eu tentar separar Noctis da nossa mãe. Nunca vi tanto amor pelo neto.

— Ela sabe que não terá netos humanos, então... — reclamou e no mesmo instante gargalhei. Porém, no segundo seguinte, senti-me paralisar. Desfiz o sorriso e engoli em seco. Não, não poderia ser *aquela* semana. — O que foi? Ficou pálida de repente!

— Eu só... Que dia é hoje? — indaguei, sentindo quase perder o ar de repente.

— Dia 27. Mas por que parece que viu um fantasma? — perguntou e soltei o ar com força.

— Sou regular desde que comecei a tomar o anticoncepcional, imaginei que já fosse começo do mês e...

— Não está grávida daquele traste, Chia. — refutou, finalmente entendendo o que se passou por um milésimo de segundo em minha mente. — Ou pode estar? — indagou e abri a boca para responder. — Diz que sempre usou camisinha!

— Sim, eu... Teve uma vez no chuveiro e... Duas ou três...

— Puta que pariu, Chia! — olhou-me incrédula. — Você e ele não estavam envolvidos com outras pessoas?

— Fazemos exames frequentemente e... Sei lá, confiávamos um no outro.

— Você é maluca! — acusou-me e tive que rir, mais aliviada. — Agora, vai fazer o que? Contar os dias até a menstruação?

— Com toda certeza! E ainda festejar quando descer. — pisquei e ela me fuzilou com os olhos. — Só me confundi nos dias, e tomo anticoncepcional há muito tempo... A chance é quase inexistente.

— Mas existe. — refutou. — Entende por que não quero que vá a essa festa?

— Sou adulta, Nina. — baguncei seu cabelo e ela revirou os olhos, odiando aquele gesto. — Por mais que queira cuidar de mim, sei fazer isso. Se estivesse grávida... Bom, seria isso e ia pirar um pouco.

Na verdade, não queria pensar sobre aquilo. Bastara o milésimo de segundo de desespero. Ser mãe de gato era muito mais simples.

— Maluca. — falou, e me deu as costas, saindo do meu antigo quarto em seguida.

Sabia o quanto ela era decidida a respeito do futuro. Nina nunca se deu bem com crianças, e sequer pensava em ter filhos. Com toda certeza, ao me ver focar tanto no trabalho quanto ela, mamãe já imaginava que não teria netos. Nunca parei para pensar de fato, entretanto, fora um susto desnecessário confundir os dias daquela forma.

Encarei o grande espelho ao lado da cama, e limpei um pouco de meu batom que borrou.

— É Chia, hora de voltar a realidade! — falei para meu reflexo, e suspirei.

Não tinha como me esconder para sempre no interior, até porque, sentia falta de São Paulo, do meu apartamento, dos meus amigos de lá... Principalmente, de ter um emprego. Mesmo sendo cedo, segundo minha família, sentia que já era hora de voltar, e de quebra, encarar Cael Marini mais uma vez. Acho que aquele reencontro era inevitável, porém, estava feliz por poder me preparar psicologicamente para vê-lo.

No fundo, apenas torcia para não sentir nada. Mesmo que fosse apenas minha pobremente querendo enganar meu bobo coração. Ele ainda permanecia preso em meus sentimentos e pensamentos. Seja por amor, mágoa, mas principalmente, *saudade*. Até mesmo, como diria a banda favorita de minha mãe: saudade que eu sinto de tudo que ainda não vi.



— Lar doce lar! — falei, assim que abri a porta de meu apartamento.

Coloquei Noctis no chão e logo abri a porta da caixa de transporte. Ele pareceu um pouco acuado, mas logo, se soltou e acabou percebendo que aquele era nosso lar.

— Bem-vindo de volta, filho. — falei, e me virei para fechar a porta do apartamento.

Sequer dei um passo para dentro, o interfone tocou e bufei. Sabia o quanto o porteiro era astuto, e com toda certeza, existia boletos e algo mais para pegar na portaria. Deixei tocar até que desistisse, e decidi que mais tarde, desceria de uma vez e resolveria o que fosse. Ainda não era uma volta de fato para minha vida normal. Porém, o aniversário de Anne me dera o impulso que precisava para finalmente voltar e colocar a vida no lugar, antes de trazer minhas malas de volta. Ir e ficar mais tempo que de costume, fez-me perceber que deveria dar mais espaço em minha vida para a família, por mais louca que a rotina voltasse a ser.

Migrei para o quarto e me joguei na cama, sentindo-me em paz por alguns instantes. Apenas conseguia pensar por onde começar ali. De repente, as férias me mostraram o quanto não conseguia ficar parada. Ou ajudava Nina na parte do financeiro, ou minha mãe na parte da padaria. Não conseguia simplesmente distrair a mente com algo além.

Olhei para a televisão e lembrei da série que começamos. Sua falha tentativa de tentar me fazer parar de ajudar. De qualquer forma, a única maneira que encontrava de fugir um pouco da realidade era em livros. Tive um bom tempo para desfrutar de vários. Infelizmente, muitos me remeteram a Cael. *O cara era babaca, fazia a mocinha sofrer, porém, se tocava que também a amava e aí... eles recomeçavam.*

Suspirei, rindo em seguida de minha grande ilusão. Por aquilo vinha evitando filmes e séries com teor romântico, sempre me via relacionando a realidade, mesmo que inconscientemente. Até os que não eram desse teor, me remetiam a ele, porque era o que fazíamos juntos quando não se tratava de trabalho ou prazer. O que me fazia lembrar de nossos momentos e em como vi verdade onde não deveria.

— *A pipoca. — estendeu-me o grande balde e sorri amplamente.*

Ele se jogou no grande sofá ao meu lado, vestido apenas com uma calça moletom. Eu estava com uma de suas camisas, e me ajeitei melhor, já começando a comer. Apertei play com a outra mão, e senti o olhar de Cael me queimando.

— *O que foi? — indaguei, e o encarei. Os olhos azuis pareciam ainda mais vivos.*

— *Documentário sobre assassinos? — perguntou e notei a surpresa em seu semblante. Ele parecia relaxado, mas notava a forma como me queria, apenas com o olhar.*

— *Nada melhor para um domingo chuvoso. — pisquei e ele acabou assentindo. Seu braço passou por meu pescoço, e assim permanecemos. Até simplesmente, adormecermos nos braços um do outro.*

Guardava aqueles pequenos momentos, nos quais, acreditava ter começado de fato a me apegar. Além de um chefe. Além de uma foda. Além de um amigo. Enxerguei além de todo o estereótipo, e vi um homem. O qual desejava ardentemente como meu. Contudo, sabia que por mais que ele tivesse se arrependido de como me tratou e do que fizera, não éramos para ser. Minha declaração soara como uma bomba entre nós, abrindo uma cordilheira.

Não tinha como atravessar. Naquele momento, sequer desejava tal coisa. Queria apenas seguir em frente.

reencontro de sentimentos



Adentrei a mansão de meus pais, e notei que várias pessoas já haviam chegado. Anne Liv sempre adorou preparar festas, e portanto, quando se tratava de seu aniversário, ela não deixaria por menos. Era o tipo de comemoração que as pessoas faziam de tudo pelo convite. Ela sabia realmente como cativar quem estivesse ali. Caminhei dentre as pessoas e cumprimentei rapidamente algumas, em busca de encontrar minha irmã em meio aquela bagunça organizada.

Não nos falávamos direito desde a briga em minha sala na empresa, e em seu aniversário resolvi que seria o momento ideal para erguer a bandeira branca e pedir uma trégua. Sentia falta de minha irmã, mesmo que ela fosse a pessoa mais irritante que conhecesse. Olhei ao redor e não a encontrei na sala que estava repleta por pessoas conversando e tomando algo. Resolvi sair para o jardim, passando diretamente pela cozinha. Assim que pisei no gramado coberto por algum material que facilitaria a disposição das mesas e o fluxo de pessoas, consegui enxergá-la de pé, próxima a nossos pais.

Andei a passos certos, e logo, seus olhos encontraram os meus. Notei que se virou e disse algo para nossa mãe, e já até poderia imaginar. Nenhuma delas estava feliz pela minha

conduta, na realidade, nem eu estava. Contudo, não tinha como resolver aquilo sabendo que Chiara estava a quilômetros de distância. Muito menos, bateria em sua porta e pediria para que me perdoasse, novamente, por ser um imbecil. Seria ultrapassar uma linha, e temia, magoar ainda mais aquela mulher. Chiara era importante, e percebia aquilo, a cada maldito dia em que estávamos longe. Como uma reafirmação diária.

— Elas estão te assassinando com os olhos, o que posso estar fazendo apenas com o pensamento. — meu pai falou e abriu um sorriso cínico assim que me aproximei. Abracei-o rapidamente e não soube esboçar reação diante de sua fala.

— Coragem aparecer na festa da irmã que sequer conversa. — Anne Liv provocou e revirei os olhos, puxando-a para mim, e depositando um leve beijo em sua testa.

— Parabéns, maninha! — adiantei-me a dizer. — Venho pedindo a tempos, mas... Uma trégua, por favor? — indaguei e notei que ela pareceu amolecer um pouco.

Anne Liv poderia ser durona em todos os âmbitos de sua vida, mas como seu irmão mais velho, a conhecia muito bem. A pouca diferença de idade, apenas nos unia ainda mais. Conheci-a a ponto de saber que aquela distância imposta por si a machucava.

— Vou consertar as coisas com Chia. É uma promessa que fiz a mim mesmo, acredite.

— Por que vai consertar algo? — a pergunta de minha mãe me pegou de surpresa, e me afastei de Anne Liv, dando-lhe um leve abraço.

— Pode ser idiota, primeiramente. — suspirei, e a encarei. — Mas percebi o quanto sinto falta dela, que esteve tão presente nesses últimos dois anos, que é como se... Não soubesse o que estou fazendo sem ela.

— Então a quer como sua assistente novamente? — Anne Liv indagou, e pude notar a recriminação em sua voz.

— Não. — apressei-me a consertar. — Quer dizer, sim, mas... Não sei como resolver

essa situação. As vezes penso que o melhor é deixá-la me odiar, do que me amar. Mas sinto que não posso deixar tudo acabar assim, como se a tivesse tratado como um negócio.

— Pablo comentou que anda bebendo mais do que de costume e não indo as festinhas de sempre... — não resistiu em provocar e a encarei. — Quanto tempo vai demorar para perceber o que de fato acontece?

— Acho que só preciso conversar com Chia e... Entender como me sinto perto dela novamente, assim como, não a machucar mais. Não suportaria vê-la mal de novo.

— Então se prepare. — a voz de meu pai soou como um sussurro e o encarei sem entender. — Chiara acabou de aparecer no jardim, e com um homem a tiracolo.

Engoli em seco e me virei, olhando diretamente para onde meu pai indicou com a cabeça. Por um segundo, senti-me completamente extasiado por sua presença. No outro, senti que ali estava a resposta para todas as perguntas que rondavam minha mente, assim como, meu coração.

— Aquele é Leonardo, meu assistente. — o tom surpreso de Anne Liv não me passou despercebido. — Ele e Chiara tem algo? — indagou em minha direção e fiquei sem saber o que responder.

Sempre soube que ela se envolvia com outros homens, assim como, estive com outras mulheres desde que começamos nosso caso. Porém, ver aquela cena a minha frente, com ele a guiando pelo salão, fez-me sentir um soco diretamente no estômago. Ali, remoi o fato das tantas vezes que ela simplesmente via mulheres diferentes saindo de meu apartamento. Aquela *porra* doía, ainda mais, porque seu olhar sequer encontrava o meu, enquanto sorria para ele.

Um garçom passou e me apressei a pegar uma taça de champanhe, praticamente a virando em seguida. Logo me desfiz da taça vazia com outro e *tudo* se passava em minha mente, até mesmo o álcool e o sabor da bebida, parecida com a qual jogamos verdade ou

desafio semanas atrás, que terminou com ela sobre meu corpo.

— Não queria estar na sua pele, meu filho.

Esperei alguma provocação de minha irmã depois da fala de nosso pai, porém, ela pareceu ficar completamente muda de repente. Em seu olhar, via o misto que o meu se encontrava. De alguma forma, era como se ambos estivéssemos perdidos diante da cena.

— Ela vai vir até você, então... Vou lhe dar espaço para o fazer. — falei, e minha família apenas acenou com a cabeça.

Circulei dentre os convidados, e optei, por marchar até a parte de trás do jardim, onde a música não era tão alta, e apenas encontrei um casal próximo a grande árvore que Anne Liv e eu brincávamos quando crianças. Suspirei profundamente, e permaneci em silêncio, repassando tudo em minha mente. De repente, era como se fosse teletransportado para o momento em que Anne Liv me contou que Chiara tinha um encontro e que com toda certeza, era com um velho amor. No dia do meu aniversário, semanas atrás, um dia após ela se declarar. Nada fazia o mínimo de sentido. *Seria Leonardo aquela pessoa?*

Tentava encaixar as peças, porém, elas pareciam completamente perdidas.

— Pablo, por favor, eu...

— Sei o que faz aqui e o jogo que quer, mas eu não vou cair nisso. — a voz de meu primo soou dura, e franzi o cenho, saindo de meus devaneios, e olhando em direção ao casal que estava praticamente escondido sob a árvore, e com toda certeza, não me via a poucos metros. — Não sou o mesmo idiota de antes, Nina.

— Eu te amo, sabe disso, não é?

— Seu amor é egoísta e nunca foi suficiente. Por que seria diferente agora? — o deboche na voz de meu primo, fez com que quisesse me intrometer, porém, virei meu olhar, e de repente, nada ao redor pareceu importante.

Chiara estava parada perto das roseiras, tocando as rosas vermelhas em particular, e

sorrindo de algo que Leonardo lhe dizia. Aquela cena, fez-me perceber que nunca tivemos tais momentos fora de meu apartamento. Tudo se resumia aquele lugar, e de alguma forma, sentia falta de algo que sequer tivemos. Por que nunca fizemos aquilo?

Porque trabalhavam juntos, minha mente gritou.

A intimidade com que conversavam, ainda me fez notar que poderia ser tarde demais para conversar com Chiara, e quem sabe, tentar nos entender. Tentar entender como ela chegou a se apaixonar, e como eu parecia ir pelo mesmo caminho. A saudade apertou em meu peito, e dei um passo a frente. Não conseguia simplesmente acompanhar a cena, sem ao menos fazer algo.

Ela me amava ou ao menos, fora o que dissera e vira nitidamente em seus olhos semanas atrás. *Não poderia ter mudado tão bruscamente... poderia?*

Assim que resolvi me aproximar, vi Leonardo dizer algo para Chiara, e logo, ele se afastou, andando em direção a parte mais cheia da festa. Vi o caminho livre, e não pensei duas vezes em chegar ao seu lado. Quando faltava pouco para alcançá-la, notei sua postura mudar, e o sorriso em seu rosto morrer. Ela levou a taça de champanhe a boca e logo, se virou. Seus olhos bateram nos meus, e senti-me imerso naquele momento.

Bem ali, tive certeza absoluta da forma como a queria.

reencontro da saudade



A noite já começara peculiar.

Primeiro: Nina apareceu em cima da hora na porta de meu apartamento, completamente pronta. Segundo: Noctis parecia não querer me deixar sair de casa, e por algum instinto materno maluco, quase optei por ficar. Terceiro: minha bunda parecia boa demais dentro do vestido branco que decidira usar.

Algo no alinhamento dos planetas, ou até mesmo, no posicionamento das estrelas, parecia querer me mandar com cara e coragem para a festa de Anne Liv, ou até mesmo, evitar ao máximo que fosse. Não sabia ler astros, então, de três, optei por duas, e estava realmente contente pelo fato do quanto aquele vestido me caíra bem.

— Não me leve a mal, sabe que te amo, mas... Em todos esses anos, sempre te chamei para vir, mas nunca apareceu. Por que *dessa* vez? — indaguei, enquanto dirigia, e estranhei o silêncio de Nina, sentada no banco do carona. — Qual é? Você odeia vir a São Paulo, sempre deixou claro. Não é por cuidado, tenho certeza.

— Te enrolei bem por esses anos, não é? — estranhei sua pergunta, e apenas abaixei o som do carro, dando a deixa para que continuasse. — Conheço os Marini antes mesmo de você.

— Como assim? — perguntei surpresa.

— Lembra do cara que ficou no passado? — assenti e notei seu tom de voz mudar. — Ele me pediu em casamento no último ano da faculdade, na formatura, para ser exata... E bom, eu neguei. — comentou e percebi o quão fora sério o que aconteceu entre eles. Mas ainda assim, não sabia onde ela queria chegar. — O nome dele é Pablo Marini.

— O que? — freei bruscamente, sem sequer perceber que o faria.

— Puta merda, Chia! — reclamou, e por inteligência, usávamos o cinto de segurança e nada de nos machucarmos com o solavanco. — Se não conseguir dirigir e escutar, eu falo depois.

— Não! — apressei-me a dizer. — Pode continuar. — saí com o carro e ouvi seu suspirar profundo. — Estou há anos tentando te tirar isso, e não vou desistir por nada. *Meu Deus!* Pablo.. Como nunca interliguei?

— Porque sou boa em escondê-lo, assim como, ele é bom em fazer o mesmo.

— Mas eu os apresentei há seis anos, na minha primeira festa da empresa de fim de ano... A única que você veio, devo acrescentar.

— Aquela foi uma noite difícil e percebi de fato que era tarde demais, e que nos tornamos desconhecidos. — comentou e notei a dor em sua voz. — Mas nunca perdemos contato e bom, já pode imaginar quem foi o advogado que ganhou a causa para a padaria.

— Isso faz todo sentido! — falei alarmada. — Me sinto burra e enganada. — acusei-a e olhei de canto de olho.

— Sinto muito, Chia. Mas falar de Pablo sempre foi no mínimo... Complicado. Eu o magoei no passado e ele faz questão de me magoar no presente.

— E então decidiu vir a festa porque Pablo vai estar nela? — indaguei, com minhas engrenagens funcionando. — Sabe, para tentar ficar com ele?

— A última vez que nos falamos, foi quando liguei para perguntar sobre como você

poderia prosseguir caso Cael não aceitasse a dispensa de aviso prévio. — senti-me culpada no mesmo instante. — Nem faz essa cara, não tinha como saber que era justamente o cara do meu passado. — parei no sinal vermelho, e a vi revirar os olhos. — Enfim, ele me ajudou, e no fim, fez questão de me contar que está noivo.

— O que? — indaguei, perplexa.

— Pablo tenta me machucar como eu o machuquei. Por um segundo, imaginei que fosse algo armado pela família Marini ou até mesmo, negócios, mas... Ele a defendeu com unhas e dentes. Sequer conheço a mulher e já a odeio. Me sinto uma imbecil.

— Devia odiá-lo. — revidei, e me arrependi no momento seguinte das palavras. — Desculpa, eu...

— Tem razão, Chia. — suspirou profundamente. — Devia odiá-lo, mas fui eu quem nos colocou nesse patamar. Pisei no coração de Pablo e me culpo por isso.

— Está aqui por culpa, então? — perguntei, mesmo sabendo que a resposta seria negativa.

— Não, estou aqui para lutar pelo homem que amo.

Sorri, e a olhei rapidamente, antes do sinal abrir. Sabia que quando Nina decidia algo, ninguém lhe tirava da cabeça. Então se ela decidira que ficaria com Pablo, seria bom ele estar *certo* sobre o tal noivado. Porque senão, qualquer dúvida a respeito, ou resquício de sentimento por minha irmã... ele estaria ferrado. Porque ela o conquistaria. Era daquela forma. O que Nina queria, ela tinha.



— Vou circular, mas qualquer coisa me liga. — Nina falou, no momento em que descemos do carro, a frente da imponente mansão.

— Tenho dó de Pablo nesse momento. — comentei, e ela sorriu, piscando em seguida. — O mesmo vale para você! — falei alto, assim que ela se apressou a adentrar o local, sem sequer olhar para trás.

Ali soube que minha irmã conhecia os Marini muito além do que eu imaginava.

— Chiara?

Virei meu olhar e me deparei com Leonardo, que sorria amistosamente, como sempre. Não pude deixar de notar que ele estava uma tentação, vestido mais casual, mas ainda assim, completamente no requinte da festa. Nunca entenderia como Anne Liv não se sentia atraída por ele. Na verdade, a entendia, porém, no meu caso, era por meu coração estar ocupado demais.

Coração ridículo!

— Ei, Leo! — fui até ele, e nos abraçamos. — Acho que sumi. — comentei sorrindo e ele assentiu, logo se afastando.

— Foi uma surpresa para todos na empresa. — comentou, e me ofereceu o braço, para entrarmos juntos na festa.

Por que não?

— Pois é. — falei sem muita vontade. — Mas vamos falar de algo bom... — adentramos o imponente jardim dos Marini e fiquei bestificada, mais uma vez, com a beleza do lugar. Ainda mais, com o bom gosto de Anne Liv para suas festas. O lugar estava lindo. — Como Malu está? — indaguei, e o sorriso em seu rosto foi tamanho, que sua covinha apareceu.

— Esperta é a palavra certa. — comentou, e sorri. Ele era pai solteiro, e pelo pouco

que sabia sobre, ela era seu mundo todo. — A cada dia, aparece com uma nova vontade para o futuro.

— Tipo ser astronauta? — indaguei, e ele concordou com a cabeça, deixando-me perplexa. — *Mentira!*

— Juro! — sorriu. — Essa semana ela disse que quer ser modelo, e aposto que semana que vem será algo como bióloga.

— Aliás, temos que marcar um encontro de nossos filhos. — ele franziu o cenho, e dei de ombros. — Noctis, meu gato.

Leonardo gargalhou baixo, e não pude evitar fazer o mesmo. Segui em direção as pessoas, acenando em direção a algumas, e procurando Anne Liv em meio a elas. Logo a encontrei, e felizmente, vindo em nossa direção.

Assim que se aproximou, seus braços me envolveram e sorri, sabendo que aquele era o jeito Anne Liv de ser, ao menos, para as pessoas que considerava como suas.

— Senti sua falta, perfeitinha. — falou, e acabei a abraçando com força.

— E eu senti a sua. — confessei, assim que nos afastamos e lhe estendi o presente. — Feliz aniversário, ex chefinha. — notei seus olhos marejados e ela pegou a sacola em mãos, puxando-me para outro abraço. — Só lhe desejo a paz e felicidade, sempre.

— E eu a você, Chia. — afastou-se, e logo seu olhar mudou de direção, e parou em Leo. De repente, notei o quanto ele pareceu desconfortável, diferente do homem sorridente de segundos atrás.

— Parabéns, senhora Marini. — ele falou e lhe estendeu a mão. Notei o olhar de Anne Liv mudar, e ela aceitou seu toque, apertando mão. — É um presente simples, mas, espero que goste.

— Obrigada, Garcia.

A tensão entre os dois era palpável, e senti que poderia simplesmente sumir na

multidão que não dariam falta. Um garçom passou por nós, e aproveitei para me abastecer de champanhe. O melhor champanhe, sabia bem. Assim que levei a taça a boca e senti o sabor, fora como uma explosão de lembranças ao lado de Cael.

Mais um fato para minha lista de merda de motivos para ter me apaixonado por Cael Marini: *o fato de adorarmos beber até cair*. Claro, cair no conforto da cama e usar a bebida para todos os propósitos possíveis.

Suspirei, e notei o olhar de Anne Liv e Leo se quebrar. Ele me encarou, claramente pedindo socorro, e abri um sorriso, tentando amenizar a situação.

— Minha irmã veio e vou acha-la para lhe dar parabéns. — falei animada, e Anne Liv pareceu um tanto perdida. — Pode me ajudar, Leo? — indaguei, e ele assentiu de imediato. — Já volto, ex chefinha.

— Sem pressa, perfeitinha.

Saí de perto dela com Leonardo a tiracolo, e pude jurar que o ouvi soltar o ar assim que estávamos a passos suficientes de distância.

— Vou fingir que não vi e nem senti nada rolar entre você e Anne Liv. — comentei, assim que nos encontramos perto das lindas roseiras que a mãe dela cultivava.

Leonardo forçou um sorriso e o encarei decidida.

— Sem julgamentos. — levantei a mão livre em sinal de rendição e ele pareceu ficar mais a vontade. — Agora, acho engraçado o fato de você vir a festa e ter que fugir da aniversariante.

— É complicado, Chiara. — passou as mãos pelos cabelos e notei seu nervosismo. — Acho que não tem como explicar.

Se ele tivesse a mínima ideia, de que estávamos no mesmo barco. Anne Liv era a cópia feminina de Cael, livre, leve e solta, como a mesma diria. Seu lema sempre foi: viver o momento. Podia ver nos olhos de Leonardo que ele poderia até querer algo com ela, mas já a

conhecia o suficiente para recuar, mesmo que ela quisesse.

— Não arrisque o emprego. — a dica praticamente pulou de minha boca e ele sorriu baixinho.

— Vou circular por aí, tudo bem? — assenti. — Obrigado por me salvar, Chiara.

— Sempre as ordens. — pisquei, e ele se afastou em seguida.

Fiquei focada nas rosas, ao mesmo tempo que pensando em como Leonardo estava ferrado. *Será que ele passaria pelo mesmo que eu?* Aquele tipo de questionamento era completamente desnecessário. Porém, ajudava-me a blindar do fato de estar no jardim da casa que Cael crescera, e que em algum lugar, ele se encontrava. Cedo ou tarde, nos esbarraríamos. Senti meu corpo reagir a algo e aquela sensação gostosa me atingir. Fiquei tensa e percebi que o universo conspirou. Cedo. *Que fosse cedo então!*

Desfiz o sorriso e levei a taça de champanhe a boca, virando-me lentamente. Sem surpresa alguma, encontrei Cael a cerca de três passos, olhando-me profundamente. Sua beleza me inundou e me mantive firme, tentando fingir que aquilo sequer me atingira. O problema era que percebi ali, que não precisava da lista de fatos para amá-lo. Apenas o olhei e fora suficiente para entender o quanto aquele sentimento era esmagador.

Não escolhi amá-lo, mas aconteceu. Porém, não o deixaria sair por cima. Nunca mais. Nem que precisasse mentir em voz alta que não sentia absolutamente nada.

No fundo, sabia, sentia tudo. *Absolutamente tudo.*

a rejeição se faz, a rejeição se paga



— Oi, Chia! — minha voz saiu empurrada e notei que ela apenas me encarou, sem demonstrar qualquer outra coisa com o olhar. — É bom te ver.

O que diabos eu estava falando?

— Olá, Cael. — sua voz doce me atingiu, e queria apenas dar um passo e puxá-la com força para meus braços. Nunca me sentira daquela forma por alguém e não sabia como deveria agir. Porém, não podia simplesmente me aproximar. Não depois de tudo. — Como vai?

Pelo jeito, não era bom me ver.

— Confesso que confuso, até minutos atrás. — comentei e ela abriu um sorriso sem dentes, claramente, não interessada em me ouvir. — Mas sei bem o que...

— Olha, sei que é meio complicado me encarar, depois de tudo e tal, mas... Fica tranquilo. O que passou passou. — fiquei paralisado diante de suas palavras, e tentei buscar algum resquício de dúvida em seu semblante. Não conseguia ver nada. Ou ela me confundia ou estava fodido o suficiente para não entender nada. — Somos adultos e agimos feito crianças em alguns momentos. Então, acho melhor deixar tudo às claras.

— Só quero dizer que sinto muito e demorei para entender o que...

— Ei! — olhou-me decidida, interrompendo-me novamente. — Apenas me escuta, tá? — assenti e ela abriu um leve sorriso. Porém, temi pelo que viria a seguir. — Acho que a primeira pessoa a ficar confusa fui eu, sabe? — indagou e neguei com a cabeça, sem entender. — Vi em você, algo que não existe. Esse tempo fora me fez refletir e ver que na verdade, queria um relacionamento sério com alguém. E no fundo, acabei confundindo o que tínhamos com amor.

Suas palavras me jogaram na lona e fiquei perplexo a sua frente.

— Não me leve a mal, eu só... Podia ter evitado tudo isso, se conseguisse me entender melhor. Mas como você mesmo disse alguns momentos antes, a gente fica confuso, né?

— Confundi amor com vontade de um relacionamento? — indaguei, as palavras saindo carregadas de minha garganta. Ela assentiu, claramente despreocupada. Ali, não estava a mesma Chiara que se declarou tão abertamente semanas atrás. Sequer a reconhecia. — Por que está mentindo para mim? — perguntei, e ela simplesmente levou a taça a boca, bebendo o resto de seu champanhe.

— Sei que deve ter sido uma pressão da sua irmã, primo e até mesmo, sobre a empresa. Não que me considere muito importante, mas, conheço essa parte da sua família há seis anos, e sei como são insistentes. Então, já imagino que ia me dizer que quando me viu agora, percebeu que não tinha mais confusão, e eu era resposta. E até mesmo, que está apaixonado. — suas palavras soaram em tom de deboche, e a encarei, sem conseguir decifrá-la. — Estou certa ou errada?

— Está certa, mas...

Ela então deu um passo a frente e levou a mão livre até meu ombro.

— Acredite, logo acordará desse falso sentimento. — piscou e sorriu de lado. — Só dar tempo ao tempo e não ceder à pressão.

Ela então me deu as costas, como se aquilo fosse o suficiente. Como se fosse engolir aquela sua leitura barata sobre o que eu sentia, e mais, sobre o que ela dizia não sentir. Chiara não era daquela maneira, tinha plena certeza em meu âmago. Não a deixaria ir daquela forma. Nem mesmo, sair sem saber realmente ouvir o que precisava ser dito.

A stylized, cursive signature of the name 'Chiara' in black ink. The letter 'C' is large and ornate, with a long, flowing tail that extends to the left. The rest of the name is written in a fluid, connected script.

Só precisava dar mais alguns passos, adentrar a imponente casa e me esconder por alguns segundos. A visão de Cael e sua proximidade, me desestabilizaram. Agir por impulso e simplesmente, jogar-lhe em meio a uma teoria absurda que acabara de criar, poderia ser o suficiente para que me deixasse ir sem querer se desculpar pela milésima vez. Talvez me achasse maluca, e aquilo, facilitaria as coisas.

Entretanto, contrariando tudo o que pensei e imaginei, senti sua mão em meu braço, puxando-me levemente. Virei meu olhar e ele pareceu querer me ler, mas de alguma forma, parecia ter me blindado para aquilo. Seus olhos azuis não se afastavam do verde dos meus, e senti a velha sensação de intimidade me corroer por dentro. Da mesma forma como fora naquele bar há dois anos, quando bebemos juntos a noite toda e depois, fomos direto para sua cama. Fora a única noite em que curtimos de fato fora de seu apartamento. Depois, aprendemos que deveríamos nos limitar, para não gerar especulações, e principalmente, fofocas desnecessárias na empresa.

Tudo para preservar o meu trabalho, fora o que pensei. O qual, o homem a minha

frente, simplesmente ignorou por completo.

— Do que tem tanto medo? — sua pergunta me pegou de surpresa, e me afastei de seu toque, não conseguindo pensar direito daquela forma.

— Já me surpreendeu o suficiente nos últimos tempos, Cael. Mas confesso que não entendo o teor da sua pergunta.

— Eu tive medo, *pra caralho*. — ali estava o homem de boca suja que tanto me atraía, em complemento com a pose séria. Vestido em uma roupa social que lhe caía perfeitamente e os cabelos negros penteados para trás. Porém, o que chamou minha atenção fora a forma que parecia querer confessar algo. — Medo dos seus sentimentos por mim. — complementou.

Bufei e tentei manter meu coração a uma distância segura dele. Precisava sair dali. No final das contas, fora uma péssima ideia vir aquele aniversário.

— Já disse para não se preocupar com isso, foi apenas uma...

— Confusão? — indagou e notei a diferença em seu tom de voz. — Nunca mentimos um *pro* outro, Chia. Acha mesmo que vou acreditar que a mesma mulher que se declarou de uma maneira que me deixou sem chão, simplesmente, não me ama mais?

— O que vai acreditar ou não... — dei de ombros, fingindo que aquilo não me afetava. — De fato, não me interessa.

— Interessa. — instigou-me e senti vontade de partir sua cara, ao mesmo tempo, que provar os lábios que pareciam ainda mais convidativos. — Sabe por que? Porque o que me assustou foi a verdade em seu olhar quando disse que estava apaixonada, e mais ainda, o fato de eu ter gostado absurdamente disso.

— O que? — minha pergunta quase não saiu e o encarei incrédula. — Minha teoria de que você surtou nos últimos tempos deve ser real. Quem te convenceu disso? Sua irmã ou Pablo? Ou melhor, os dois?

— Não. — abriu um sorriso sem dentes, e aquele era o retrato do homem carinhoso

que conheceria. *Não pense sobre, Chia!* — Os dias sem você foram massacrantes.

— Ah, claro! — revirei os olhos e dei um passo atrás, a ponto de simplesmente sair dali. — O que quer, Cael? Que volte a ser sua assistente? E daí, do nada, você decide que não sou uma profissional suficiente e me joga para fora da empresa?

Minha voz soou um pouco mais alta, e senti a raiva correr por meu corpo. Estava farta daquilo, e principalmente, do que ele me fazia sentir. Por mais que tudo que tentasse fosse esquecê-lo, estar tão perto, apenas me lembrava que precisava encerrar aquilo de alguma maneira. Nem que fosse, jogando-lhe toda a mágoa que sentia.

— Quero você. — olhei-o ainda mais incrédula, mas não pude me permitir vacilar.

— Está bêbado? — indaguei e ele negou no mesmo instante com a cabeça.

— Tive tempo para pensar no que fazer, Chia. Tive todo esse tempo longe para entender porque agi como agi, e mais, a forma como sinto sua falta em minha vida. — enfatizou as duas últimas palavras e simplesmente me vi presa aos sonhos que me atormentaram por várias noites. Nos quais, ele me queria também. *O quão absurdo tudo aquilo seria?* — Sei que errei e quero me redimir, quero te mostrar que...

— Acha mesmo que vou cair nessa papo de babaca arrependido? — revidei, sem ter mais forças para ouvi-lo. — Não sou um objeto para que brinque! Já fez isso uma vez, tentando me mandar para outro estado, sem qualquer consideração. Acha mesmo que vou permitir que o faça de novo?

— Podemos apenas conversar, Chia? Me deixe colocar tudo à mesa e me dê a chance de ser ouvido, sem revidar cada palavra.

— O tempo de conversa passou. — dei um passo a frente, e ficamos cara a cara. Um movimento e nossos lábios se uniriam, sabia bem daquilo. Assim como, notei sua respiração mudar. Eu o afetava, e sabia de tal coisa, assim como, meu corpo correspondia. Porém, ainda era o mesmo pensamento de que sexo por sexo, eu encontrava em qualquer lugar. Com *ele*

era diferente. — Não quero ouvir ou discutir sobre, apenas seguir em frente. Meus sentimentos por você foram apenas algo perdido de minha mente, aceite.

— Não. — seu hálito fresco tocou meu rosto, mas não me movi. Era uma briga de cachorro grande, como mamãe diria. — Pode tentar mentir para si mesma, mas eu sei que sente. Assim como, eu sinto. Tive que descobrir da pior maneira, te mandando para longe da minha vida, mas não vou deixar com que isso continue.

Ri sem vontade, tentando nublar qualquer resquício de paixão que poderia me envolver.

— Como vai fazer isso?

— Simples, mostrando que sou apaixonado por você.

Fora impossível não ficar surpresa com sua revelação, assim como, querer socar sua cara por brincar comigo daquela maneira. Ele sabia que eu sentia, por mais que tentasse esconder e mentisse segundos atrás.

— Assim, do nada? — indaguei, completamente incrédula.

— Se sente o mesmo que eu, sabe que não foi do nada. — seu hálito fresco tocava meu rosto e boca, como uma leve carícia. Tentava manter o foco, mas era impossível. Precisava me afastar. Cael Marini era perigo, e sabia muito bem daquilo. Ele tinha destruído meu coração em poucos dias. — Tivemos dois anos para isso, Chiara. Só nos bastou enxergar de fato, que por mais que existissem outras pessoas em nossas vidas, sempre voltamos um *pro* outro.

Balancei a cabeça, negando de prontidão.

— Está se iludindo e querendo me levar para o mesmo barco. — desviei o olhar, encarando as belas rosas vermelhas. Suspirei profundamente, e o encarei mais uma vez. — Não continue com isso, Cael. Aceite como eu que não damos certo além da cama, e acabou aí.

— Vou fazê-la aceitar meu amor, Chia. Não tenho a intenção de voltar atrás.

— Será um negócio perdido, não sabe?

Ele negou com a cabeça e pareceu ainda mais sério.

— Nunca se tratou de um negócio, e sabe bem disso.

— Sei? — indaguei, vendo-o mudar por completo a expressão.

Sem saber mais o que dizer, apenas me afastei o suficiente, e resolvi voltar para onde a festa de fato acontecia. Longe do tormento daquela conversa que jamais esperei. Poderia imaginar de tudo, menos, que Cael pareceria tão firme em sua decisão, assim como, deixara-me ainda mais vulnerável para si. Troquei minha taça vazia por uma cheia, e entendi que o melhor jeito, era circular por algum tempo, e esperar o parabéns de Anne Liv. Estar ali era sufocante, ainda mais, porque não esperava nada daquilo.

Não esperava uma declaração de amor naquela altura do campeonato.

A stylized, cursive signature of the name 'chiara' in a dark, elegant script. The 'c' is large and decorative, with a long horizontal stroke that extends to the left and then loops back. The 'h' is tall and thin, and the 'i' is a simple dot. The 'a' is rounded and ends with a small tail.

— Então, como foi? — a pergunta de minha irmã não poderia ser outra, assim como, sabia que faria a mesma, em breve. — Parece desconfortável, Chia. Mais do que imaginei que ia ficar.

— Ele se declarou. — falei, e coloquei o cinto de segurança. — Esperava qualquer coisa, Nina. Qualquer coisa mesmo, menos que Cael faria isso. — confessei e senti sua mão tocar a minha.

— Não sei ao certo como vocês eram no dia a dia, mas pelo que me disse, se apaixonou por ele em algum momento. — assenti e coloquei a chave na ignição, ainda sem saber o que fazer. — Ele agiu como um completo imbecil, de forma que sequer poderíamos imaginar isso... Nunca diria que ele está apaixonado.

— Nem eu. — suspirei profundamente. — Não sei o que fazer, eu só... Não quero me iludir e pensar que ele realmente vai lutar por mim. — fiz aspas com as mãos e notei o olhar surpreso de Nina. — Que foi?

— Ele disse isso? — indagou.

— O resumo da ópera foi esse. Tentei mentir que não sinto nada e que me confundi

sobre nós, e no fim, ele apenas insistiu que me queria. — revirei os olhos daquela contradição. — Acho que você estava certa, e não devia ter vindo. — comentei, sentindo-me cansada. — São Paulo é grande suficiente para não nos esbarrarmos mais, mas vir a festa...

— Ou você quer esbarrar com ele. — a fala de Nina me pegou de surpresa. — *Não me olhe assim!* Nessa noite percebi o quanto deixei o tempo e os momentos com Pablo serem perdidos. Se um de nós tivesse lutado mais ou cedido em algum deles, estaríamos juntos. A gente se ama, isso eu sei. O problema não é esse. Não quero que passe pelo mesmo e fique se remoendo no fim.

— Ele quer conversar, sem julgamentos. — coloquei os cotovelos contra o volante e suspirei profundamente. — Não sei se consigo fazer isso.

— Acho que você quer, mas está com medo. — acusou-me, e não pude negar. Era a mais pura verdade.

Acostumei-me com o a rejeição e que Cael era apenas mais um babaca em minha vida. Voltar e o ver agindo como alguém que se importava, me remetia ao que ele realmente significava para mim. Longe da sombra do que aconteceu semanas atrás, e perto do que fomos nos últimos dois anos.

— Eu fugi para casa para poder me reencontrar, e esquecer o que aconteceu. O que claramente não funcionou, mas tive um tempo incrível com você e mamãe. — passei as mãos pelos cabelos, já com os cachos desfeitos. — Pensei que o encarar seria fácil, que tinha entendido como isso funcionava...

— Você se preparou *pro* cara que te queria fora de sua vida, não para o que quer conversar e te manter. — olhei para Nina, buscando nela algum norte. — Se quer ouvi-lo, por que não? Não precisa ser agora, mas... Dê o seu tempo de ter essa conversa. Não precisa se julgar por querer ouvir o homem que ama hoje ou depois.

— Ele pode só estar brincando, Nina.

— Isso eu tenho que discordar, mesmo não o conhecendo como você. Nesses dois anos, a única coisa na qual sempre o defendeu foi sobre ele ser um homem sincero. Então, por que, de repente, ele não o é?

— Não sei do que tanto tenho medo. — mordeu o lábio inferior, e suas falas repassaram por minha mente.

Vou fazê-la aceitar meu amor, Chia. Não tenho a intenção de voltar atrás.

— Talvez, de ser recíproco. — fechei os olhos, encostando a cabeça contra o estofado do banco. — Acho que se acostumou com o fato de que ele ia negar esse sentimento de todas as maneiras. Bom, ele fez a princípio. E mais, te magoou no meio do caminho. Só que pensa bem, por que ele ia insistir nisso agora? Justo em um assunto encerrado?

— Segundo ele, porque me quer.

— Tenho algo para te dizer, irmã. Aquele homem seria louco por não te querer. — sorri, ainda sem olhá-la. — Mas dê tempo a si mesma, ao seu coração... Não vai começar a procurar emprego, antes de ir passar mais uns dias conosco em Minas?

— Sim, e... arrumar a bagunça da minha casa. — abri os olhos, sentindo-me mais leve. — Acho que preciso voltar a rotina, e quem sabe, conseguir falar com ele.

— Sem autojulgamento, maninha. — piscou, e assenti.

Saí com o carro, e percebi que Nina encostou a cabeça, e fechou os olhos. Com toda certeza, queria evitar o mesmo interrogatório. Respeitei seu momento e me concentrei no trânsito. Sentia-me mais leve por falar sobre, mas ainda assim, não conseguia estar totalmente a vontade com aquilo. Sentia que precisava ouvi-lo, mesmo que aquilo custasse minha sanidade. No fundo, sabia que já era maluca o suficiente.



— Você acorda sempre tão cedo? — Nina reclamou, assim que acendi as luzes e gargalhei de sua cara desinteressada.

— Já é terça-feira, milady. — provoquei, enquanto sentia Noctis passar por minha perna. — Preciso ir ao banco e vou aproveitar para me candidatar a vaga de assistente executiva na empresa próxima. Leo me mandou mensagem avisando que soube sobre entrevistas essa semana por lá, então... Vou lá tentar a sorte de ser chamada para uma.

— Boa sorte, maninha. — Nina sequer abriu os olhos e se virou em minha cama, a qual dividíamos desde que apareceu ali. O que me remetia a quando ainda éramos crianças e mesmo tendo duas camas, preferíamos estar juntas. — E por favor, me traz um chocolate quente.

— Um doce, como sempre. — provoquei, e me virei. Antes que pudesse sair do quarto, senti um travesseiro me atingir e gargalhei. — Seja uma boa companhia para Noct!

Fechei a porta do quarto, sendo seguida por Noctis que parecia ainda mais animado naquela manhã. Agachei-me rapidamente e toquei seu pelo, fazendo um leve carinho em sua cabeça.

— Se comporte, mas pode atormentar a sua tia. — pisquei, e ele soltou uma miado baixo, como se me entendesse. — Filho bom!

Despedi-me dele, e peguei o celular em mãos, conferindo o que tinha que fazer no banco a respeito da manutenção de minha conta corrente, assim como, passar no prédio da empresa que ficava praticamente a frente de lá. Desci minhas mensagens e conferi o que Leonardo havia me mandado. Porém, de repente, apenas me encontrei tocando no nome de Cael, que estava bloqueado em meu telefone desde o momento em que joguei o vinho em sua

cara. Respirei fundo, e por um momento, pensei em simplesmente desfazer aquilo. Porém, balancei a cabeça, guardando o celular na bolsa e ignorando tal vontade. O melhor era me concentrar em conseguir um emprego e resolver os problemas.

O pior era que Cael ainda consistia em um de meus maiores.



— A sua entrevista será na sexta-feira, as duas horas. — assenti para a mulher que me passava cada informação, assim como uma ficha de necessidades da empresa. Analisaria tudo com calma, quando chegasse em casa.

— Certo, muito obrigada. — estendi-lhe a mão, e ela abriu um leve sorriso. — Até a sexta-feira então, senhora Paiva.

— Até, senhorita Moreira.

Andei em direção ao elevador, sentindo-me um pouco mais animada naquela manhã. Aquele era um ótimo cargo em uma empresa promissora. A Marini tinha ligação direta com alguns setores da AIA, em relação ao melhoramento das intercomunicações na empresa, principalmente, de forma a viabilizar o processo entre as várias partes. AIA era uma grande empresa, e ali, era apenas a sede, onde os negócios eram fechados e os caminhos traçados, pelo que estudei sobre eles quando ainda estava envolvida com a Marini. Seria um bom lugar para recomeçar e viria com tudo na sexta-feira.

Toquei o botão do elevador e aguardei. Peguei a folha que me fora passada e guardei dentro da pasta que trouxera, com a intenção de não a amassar. Assim que as portas se

abriram, adentrei o elevador e um sorriso conhecido me recebeu.

— Parece que faz uma eternidade que não tenho a chance de olhar para você.

Heitor Almeida, advogado e chefe do departamento jurídico da AIA. Abri um leve sorriso em sua direção, e o cumprimentei com beijos no rostos. O que não podia deixar de lembrar, era que dividimos uma noite meses atrás. Ou melhor, sua cama. Sequer conseguia pensar direito sobre, ainda mais agora, por estar uma verdadeira bagunça e me candidatando a vaga na empresa que ele trabalhava. Nunca mais me envolveria com alguém do trabalho – fato.

Bom, Heitor já era uma exceção, mas não contava pois aconteceu antes da regra ser criada.

— Negócios? — indagou assim que me afastei. O olhar castanho me varreu e tentei fingir que não percebi nada.

— Me candidatei a vaga de assistente executiva. — falei, e ele pareceu completamente surpreso. — Saí da Marini já faz mais de um mês, e bom... Aqui me parece um ótimo lugar.

— Sempre disse à Calel que te roubaria para mim. — não entendi sua fala, e apenas o encarei. — É para a vaga de minha assistente, Chiara.

Arregalei os olhos, lembrando-me que não fora especificado quem seria o entrevistador ou futuro chefe. Suspirei, pensando que talvez, aquilo pudesse ser um erro. Por mais que soubesse que Heitor era um típico cafajeste e tínhamos nos envolvido, ele parecia não insistir em algo lhe negado. Ao menos, não o fez comigo.

O elevador parou, e forcei o sorriso, tentando disfarçar minha surpresa.

— Nos vemos na sexta, então. — falou e acenou com a cabeça, saindo a minha frente.

Fiquei ali, paralisada por alguns segundos na recepção, sentindo que só poderia ser carma. *Exatamente*. Suspirei e resolvi deixar aquilo de lado. Era uma profissional e não teria

problemas em trabalhar com Heitor, caso, fosse escolhida para a vaga. Andei em direção a saída e tive a certeza de que o dia não poderia me surpreender mais.

— Chia!

Paralisei com aquela voz, e tive a certeza – carma.

Virei-me devagar, para dar de cara com Cael, afastando-se de um grupo de executivos que parecia jogar conversa fora antes de se despedirem de fato. Forcei um sorriso, sem querer causar uma situação. Porém, a visão dele, impecável em um terno de três peças, fez-me querer fechar os olhos e esquecer minha educação.

Ele estava naquela pose de empresário de sucesso, CEO encantador e até mesmo, personagem perfeito de clichê que adorava ler... Suspirei, assim que finalmente se aproximou, e de repente, um sorriso surgiu em seu rosto.

— Desculpe ter te chamado assim, é que... Sei que me bloqueou e que não posso ir te ver em seu apartamento. Não quero também ultrapassar a distância que ajudei a criar entre nós, e mais, que parece te deixar confortável. Mas, por favor, toma um café comigo.

Olhei-o incrédula, pois imaginava que diria algo como: *Bom dia, como vai?* Fingindo que íamos recomeçar daquela forma. Porém, por alguns momentos parecia tão relapsa, que me esquecia que Cael era daquela forma. Ele não mentia. O que me fazia temer ainda mais o que realmente queria com um café. Olhei para a pasta em minhas mãos, e sabia que tinha encaminhado ao menos a parte de conseguir um emprego. *Poderia, finalmente, dar um basta no que atormentava meu coração e mente?*

— Ok.

Ele assentiu e pareceu surpreso com minha resposta, até mesmo, seu sorriso aumentou. De fato, precisava entender o que diabos acontecia entre a gente. *Chega de fugir!*

A stylized, cursive signature of the name 'Chiara' in black ink. The letter 'C' is large and ornate, with a long, flowing tail that loops around the 'h' and 'i'. The 'a' at the end is also cursive and elegant.

Sempre me pareceu fácil andar ao seu lado.

O fizera por dois anos inteiros, mas de repente, não parecia a mesma coisa. Não estava ali como sua assistente, muito menos como amiga. Sequer conseguia rotular o que fato acontecia. Eu e minha péssima mania de querer dar nome a tudo.

Havia um café, ao lado do prédio que a AIA se localizava. Adentramos o local e senti o silêncio se arrastar entre nós. Acomodei-me em uma mesa no canto direito e tentei não parecer nervosa diante do homem que se sentou segundos depois a minha frente. Encarei-o, tentando não parecer tão vulnerável como de fato me sentia. Ele tinha um sorriso polido no rosto, e nenhum de nós pareceu lembrar do café.

— Lembra quando apareci em seu apartamento discutindo sobre a festa que Anne Liv cancelou? — indagou de repente, e apenas assenti. Sem ainda entender qual era o objetivo. — Eu fiquei puto, Chia. Mas não pelo fato de que tinha cancelado tudo, sabia que era coisa de minha irmã. Mas sim, porque sequer se lembrou do meu aniversário ou me levou um bolinho minúsculo no dia anterior para comemarmos juntos.

Respirei fundo, lembrando-me de que fora exatamente aquilo que fizemos no ano

passado. No presente, sequer me recordara da data, quem dirá, fazer algo a respeito.

— Anne Liv até comentou que ia sair com um velho amor... — Mal sabiam eles que meu encontro foi com bebida e filme romântico. *Mais* com a bebida. — Isso me quebrou, porque não conseguia entender como parecia ter me esquecido e de repente, sua declaração tinha se desfeito. — notei que parecia nervoso e me encostei contra o banco acolchoado. — Eu não soube como agir, e quando vi, estava na sua casa. Sempre soube que tinha outros, fomos sinceros sobre mas... Desde a sua declaração tudo mudou em mim, Chia.

— Não sei onde quer chegar, Cael. — falei por fim. — Estou cansada de sentir que não encerramos esse assunto e quero fazer isso. Quero muito. Vamos seguir em frente, sem mais nos prendermos a isso.

— O problema é esse. Eu sinto sua falta e quero me prender. — admitiu e meu coração falhou uma batida. — Sinto falta de nós discutindo ações até os gemidos na cama. Sinto falta de poder passar horas assistindo série ao seu lado, ou simplesmente, nos embebedarmos dentro de casa, porque parecemos dois velhos. Mas eu quero *mais* que isso, quero tentar.

— O que exatamente está me propondo? — indaguei, sentindo-me perdida.

— Primeiro, quero conseguir seu perdão por ter agido tão baixo ao simplesmente pensar em te transferir e mandar para longe. — engoli em seco, sabendo que aquilo era um assunto pendente. — Segundo, quero que me dê a chance de ser seu. De... Sermos mais do que um caso.

— Está me pedindo em namoro? — minha voz quase não saiu e foi como se o mundo parasse por um segundo.

Notei a sua falta de jeito e a forma como o olhar azul parecia me implorar por *mais*.

— Você enlouqueceu, Cael? Não pode simplesmente me pedir em namoro. — revirei os olhos, incrédula.

— Por que não? Tenho 36 anos e sei exatamente o que quero. — enfatizou e levou a mão ao queixo, em um ato tão seu de nervosismo que me fez querer pular em seu pescoço e o tirar dali a força. — Só torço para que ainda me queira.

— Isso é loucura.

— Loucura foi deixar você sair da minha vida. — replicou e fiquei atônita, no momento em que ficou de pé. — As pessoas tem razão quando dizem que só damos valor de fato quando perdemos. — aumentou o tom de voz, e olhares se voltaram para nós. *Senta*, queria exigir, porém, fiquei estática. — Fui um covarde, você estava certa. Como sempre. Eu... Nunca procurei amar alguém. Muito menos pensei que relacionamentos fossem para mim. Mas você apareceu em minha vida e vi que mesmo sem querer, o amor também veio. Me apaixonei sem perceber, Chia. E precisei te perder para entender de fato o que tanto nos ligava.

Fiquei paralisada, enquanto todos do café olhavam em nossa direção, e podia ver celulares gravando aquela cena. *Por Deus!* Em que comédia romântica de baixa produção tinha me enfiado?

— Cael, o que está fazendo? — minha pergunta soou como um sussurro, e ele então sorriu.

De repente, ajoelhou-se, fazendo-me ficar ainda mais perdida.

— Nunca fui de agir por impulso. Nunca me envolvi com alguém do trabalho. Nunca sequer pensei em me apaixonar. Mas posso te passar a lista dos *nunca* que foram substituídos apenas por você estar em minha vida. Chiara Moreira, aceita... — limpou a garganta, como se pensasse no que realmente deveria perguntar, e no que não me faria fugir. Na realidade, estava já me levantando para sair dali. — Me dá uma chance de provar que podemos ser *mais*?

Ele sorriu e poderia jurar que ouvi algumas pessoas gritando para que dissesse sim.

Porém, apenas via um homem ainda mais confuso que eu a frente. Neguei com a cabeça, sem conseguir dizer aquilo em voz alta. Passei por ele, sem querer olhar para o que deixava. Entretanto, tinha certeza que deixara um homem completamente de joelhos para trás.

O ar da rua me atingiu e respirei fundo, andando em direção ao carro estacionado perto do banco. Porém, enquanto segurava as lágrimas que não entendia porque queriam descer, senti meu corpo ser puxado levemente, e logo dei de cara com o homem que sequer deveria estar me seguindo.

— O que deu em você? — perguntei, sabendo que nos mudávamos cada vez mais de casal do anonimato para o casal do barraco. — O que fez foi loucura!

— Bom, uma mulher linda jogou vinho na minha cara e me mostrou que as vezes, podemos só seguir nossos instintos. Acho que aprendi com ela. — paralisei diante de seu tom amoroso, e sabia que por mais que tenha pisado em seu ego ao sair, ele ainda estava ali.

— O que esperava me pressionando a frente de tanta gente? Um sim? — as perguntas saíram, enquanto deixava as lágrimas descenderem. Ele mexia comigo, absurdamente. Eu o amava, intensamente. E já não conseguia driblar aquele sentimento.

— Na realidade, quando te vi na recepção apenas pensei em conversarmos e tentar pedir seu perdão, só que... Me vi jogando tudo em seu colo e sinto muito se agi feito um louco. Desde que me deixou, tenho ficado a cada dia mais insano. O não eu já tinha, e admito, não sabia o que esperar.

— Não pode estar falando sério. — falei como se para mim mesma. — Você me rejeitou e depois me mandou para longe. Como pode querer estar comigo agora?

— Posso? — indagou de repente, indicando minha mão.

Aceitei seu toque e ele a puxou de leve, colocando-a sobre seu peito. Senti seu coração bater rapidamente sob minha palma, e sabia que me encontrava da mesma forma.

— Como disse antes, ficar longe me mostrou o quanto *preciso* de você, Chia. O

quanto te quero na minha vida.

— Assim como outras cem? — indaguei desgostosa, mas não me afastei. — Isso não vai dar certo, Cael. Como te disse naquele dia, não posso mais te dividir dessa forma.

— Não está entendendo, não é? — neguei com a cabeça, cansada de tentar compreender seus atos. — Quero estar com você. *Só com você.*

Arregalei os olhos, porque aquele era um passo que sequer imaginava que ele daria. Nunca nos imaginei em tal situação.

— Um relacionamento normal, nós dois? — perguntei e ele assentiu, e sua mão passava levemente sobre a minha. Aquele simples toque, fez-me querer estar ainda mais perto. — Sabe que pode ser um desastre, não é?

— Eu aguento, Chia. — piscou e o olhar imponente tomou conta de seu rosto. Logo senti sua outra mão tocar o meu, como se entendesse que podia avançar. — Apenas uma chance para o seu perdão e sermos *mais*.

Franzi o cenho e perguntei a mim mesma, o que meu lado malévolo faria. Poderia mandá-lo se ajoelhar e ordenar: *implore, querido!* Porém, ele já o tinha feito. De repente, minhas lágrimas cessaram, e estava pronta para explodir de felicidade. Era um misto de emoções e riscos. Ainda mais, por estar ao seu lado e depois de todos aqueles dias infinitos, sentir-me perfeitamente colocada ali.

Ainda era algum tipo de carma, mas cogitava até mesmo o destino.

Suspirei e não soube como respondê-lo. Era uma mulher que sabia o que queria e que por mais maluca, gostava de ser daquela maneira. Sem pensar duas vezes, subi minha mão até sua gravata azul, e o puxei diretamente para mim. Nossos lábios se chocaram, e poderia desabar se não fosse por seus braços me cercarem no segundo seguinte. Sentia-me queimar. Sentia-me livre. E pela primeira vez em todo aquele tempo, sentia que dividíamos algo. Seu gosto me intoxicava, assim como, seu toque parecia uma necessidade para cada célula de meu

corpo.

— Como senti falta disso. — falou, entre o beijo, puxando-me para mais perto, fazendo-me segurar com força em seu cabelo. Percebi ali o quanto sentia falta de estar com ele. Apenas com ele.

— *Vão pro motel!*

O grito de um garoto e buzinas pareceram nos despertar, e acabei separando nossos lábios, gargalhando alto.

— Satisfeito em agir como uma certa mulher? — indaguei, e ele sorriu de lado, dando-me o lado cafajeste que parecia escondido minutos atrás. Cael era um caleidoscópio de faces.

— Na verdade, apenas quero a certeza do que quis dizer com esse beijo. — falou e deu-me mais um selinho, como se não conseguisse se afastar. Nem eu mesma conseguia. Nem queria.

Repensei tudo que passamos até ali, e principalmente, o que acontecia. Sorri, pois nada seria tão fácil assim. Nem mesmo para aquele CEO que tinha o mundo aos seus pés.

— Talvez.

Ele balançou a cabeça negativamente, mas sorriu, como se esperando por aquilo.

— Pode não acreditar ainda, mas é exatamente por isso que te quero tanto. — confessou e senti a suavidade de suas palavras, assim como o toque em meu rosto.

— Por ser maluca? — indaguei divertida, mas me sentindo cair perdidamente por ele mais uma vez.

Foco, Chiara!

— Por ser única.

uma chance para dois

A stylized, cursive signature of the name 'Chiara' in black ink. The letter 'C' is large and ornate, with a long, flowing tail that loops around the 'h' and 'i'. The 'a' at the end is also cursive and has a small loop.

— Não devia ir para a empresa? — indaguei, no momento em que saí do carro, estacionado na vaga do prédio de Cael.

Sem dizer nada, ele apenas me cercou contra o mesmo, e senti seus lábios descerem firmemente para os meus. Derreti-me mais uma vez, e pouco me importei com o fato de que poderia estar trocando os pés pelas mãos. Ia me arriscar, e usar minha própria vulnerabilidade a favor. Não tinha como descobrir se aquele amor daria certo se não desse a chance. Como nós dois queríamos, era o que precisava para me sentir pertencente aquilo.

Meu celular vibrou na bolsa, mas não conseguia pensar direito em como desfazer aquele beijo e atender, ainda mais imaginando que seria Nina. Aos beijos, entramos no elevador, e Cael logo se colocou à minhas costas, descendo as mãos pelas laterais de meu corpo.

— Seu toque é tão bom. — admiti, enquanto brigava com a bolsa, e pegava o celular em mãos.

— Não pode esperar? — indagou beijando minha nuca, e neguei com a cabeça, no momento que olhei o visor e li o nome de minha irmã.

— Oi. — falei, quase sem fôlego, no momento em que encarei Cael pelo reflexo do espelho.

Suspirei, ao notar que éramos o encaixe perfeito, ao menos, em minha mente apaixonada. Seus olhos azuis estavam nublados e ele puxou o lóbulo de minha orelha com os dentes, ainda me encarando, daquela forma, que me deixava completamente hipnotizada.

— *Pode me explicar o vídeo que está rodando a internet a alguns minutos? Precisamente o título “Como pisar em um homem com estilo?” — franzi o cenho, e Cael pareceu perceber minha reação, parando o movimento.*

O elevador finalmente chegou a seu andar.

— Como assim? — indaguei.

— *Vou te mandar por mensagem o link, mas me diz, está com ele, não é? — indagou e engoli em seco.*

— Sim.

Praticamente sussurrei e senti as mãos de Cael contornarem minha cintura, trazendo-me para perto, e daquela forma mais complicada, chegamos a porta de seu apartamento. Ele se afastou apenas o suficiente para a abrir, enquanto eu esperava uma chuva de palavrões despejados por minha irmã.

— *Ok. — disse simplesmente, surpreendendo-me. — Mas só quero que tome cuidado e... Traga o chocolate quente assim que voltar.*

— Obrigada por não me julgar. — agradei, e senti o olhar penetrante de Cael sobre mim, como se me lendo por completo.

— *Só quero que seja feliz, nada mais. Se ele vai ajudar nisso, veremos.*

Sorri de sua provocação e logo nos despedimos. Dei um passo a frente e adentrei o apartamento. Aquele lugar me era tão familiar que estranhei o fato de ter ficado tanto tempo longe. Parecia que fora ontem que saíra dali. Saíra para nunca mais voltar.

Foco no presente, Chia!

— Aconteceu alguma coisa? — Cael pareceu preocupado e neguei com a cabeça, abrindo a mensagem de Nina no mesmo instante no celular. Arregalei os olhos em seguida, e o chamei para perto, assim que o vídeo começou a rodar.

— Puta merda! — falei, e ele parou ao meu lado, encarando a tela.

— *Como pisar em um homem com estilo.* — ele leu o título e gargalhou em seguida.
— Pelo jeito a nossa cena rendeu um bom vídeo da minha humilhação pública.

O vídeo fora gravado de um ângulo que nos captava perfeitamente, e não pude evitar uma gargalhada ao final, quando simplesmente saio, com o rosto claramente aborrecido e perdida naquela situação. Sorri, imaginando os comentários e teorias que as pessoas já estariam fazendo.

— Talvez eu deva comentar e sugerir um título melhor. — comecei e o encarei. — Como pisar em um CEO com estilo? — indaguei e ele me puxou para perto, fechando o sorriso no mesmo instante.

— Provocadora. — puxou meu lábio inferior com os dentes, fazendo-me arrepiar por completo. — Pode colocar o que quiser, Chia. O que me importa é estar com você.

Se achava que existia alguma dúvida sobre estar de volta para seus braços, e principalmente, em seu apartamento, acabara ali. Deixei o celular de lado, e sequer me importei com o vídeo que circulava, ainda mais, porque eu sabia da verdade. Não era questão de pisar ou não, muito menos, da rejeição que acontecera. Quando nossos lábios se encontraram mais uma vez, soube, apenas queria ser amada, assim como ele.



— Não acredito que está em meus braços. — sorri, sentindo meu corpo dolorido, devido as últimas horas, perdida em seu corpo. Não fora possível fingir que não queria estar sob ou sobre ele depois de praticamente nos atracarmos no meio da rua. Eu o queria e não existia motivos para evitar o que desejávamos.

— Vai ficar romântico agora? — indaguei provocativa, sentindo beijos sendo espalhados por minhas costas, até chegar em meu rosto e boca.

— Posso ser o que quiser. — virei meu olhar para ele, e notei o sorriso em seu rosto, assim como, o desejo em seu olhar. — Temos muito que aprender juntos, Chia.

— Acredite, estou doida para ver como isso será.

Sorri, e seus lábios desceram nos meus. Sabia que era apenas o começo da reciprocidade de amor que tanto queria. De alguma forma, nos encontramos no meio do caminho. No meio de tudo que não era para ser, mas acabou sendo. Eu e ele, em meio ao caos que nos tornamos em busca de paz, e principalmente, amor.

Bônus

Alguns dias depois...

Minha mão tremia, e senti que ia desmaiar a qualquer momento. Os andares pareciam não passar dentro daquele elevador. Suspirei profundamente, amassando o papel em mãos, sem mais conseguir me segurar. Era como se fosse surtar ainda mais naquele momento ou até mesmo pelos próximos meses.

A caixa de metal finalmente parou e as portas se abriram. De relance, consegui ver Anne Liv e Leonardo, claramente, iriam adentrar ali. Dei-lhes um aceno com a cabeça, mas não consegui falar nada. Absolutamente nada saiu de minha boca. Com certeza, estranharam a forma como passei como furacão dentre os dois e rumei em direção a sala de Cael. Se fosse para surtar, ele o faria comigo.

Só conseguia pensar em gritar. *Nós estávamos juntos ao que?* Dois anos de um caso. De fato em um namoro, alguns poucos dias. Levei as mãos a testa, e pude sentir o suor brotar. Estava tendo uma síncope, só poderia. Olhei para minha antiga mesa e seu novo assistente não se encontrava, o que agradei internamente. Abri a porta sem sequer bater, e no mesmo instante, olhos azuis vivos bateram nos mesmos. O semblante fechado deu lugar a um sorriso enorme, e ele se afastou da mesa.

Andei até ele, e parei a frente da mesa, abrindo a boca para falar, mas nada saiu. Parecia ter ficado muda momentaneamente.

— O que está aprontando? — indagou, e se levantou da cadeira, dando a volta no móvel que nos separava.

Senti suas mãos em minha cintura, mas não consegui encará-lo. Era como se estivesse presa em um universo paralelo e pudesse ver Noctis a minha frente, julgando-me como uma péssima mãe por não o preparar. E mais, eu me julgava pelo fato de que tinha bebido todas nos últimos tempos.

— Disse que não ia aparecer aqui porque isso lhe daria ideias... — o tom provocativo de Cael não me passou despercebido, e suspirei, no momento que seus lábios encontraram meu pescoço. — Mudou de ideia e resolveu que vamos estrear essa mesa?

A simples insinuação de sexo quente no escritório, apenas me remeteu ao papel que quase se desfazia em minhas mãos.

— O que foi? — seu tom de voz mudou, e senti que me analisava. — Não parece que veio me surpreender aqui... O que está acontecendo, Chia? — um de seus dedos tocou meu queixo e o levantou levemente, forçando-me encará-lo.

— Eu... — ao menos uma palavra saiu, e respirei profundamente, antes de conseguir mentalizar e completar. *Vamos, Chiara!* — Estou grávida!

Fechei os olhos, sem saber o que esperar. Só conseguia me perguntar: como nos tornaríamos pais do dia para noite?

Na verdade tinha ainda muitos meses para nos prepararmos. Grávida de um tanto de semanas que não tinha ideia, e contando...

Continua...

Espero que tenham se divertido com o desenrolar da história de Chiara e seu amor rejeitado por Cael. *Parece que não era tão rejeitado assim, não é?* Bom, as loucuras entre eles continuam em **Amada pelo CEO**. O livro estará disponível em junho na amazon.

Não se esqueça de avaliar o livro, para que possa saber o que pensou, sentiu e o que Chiara e Cael estão passando para cada um. Isso ajuda com que outros leitores também conheçam a história.

E caso queira conhecer algum outro romance meu, eles estão todos disponíveis aqui: [ebooks](#).

E a você, leitor, que me deu essa oportunidade, meu **muito obrigada**.

Espero que até a próxima!

A handwritten signature in black ink, reading "Aline Dádua". The script is fluid and cursive, with the first letter 'A' being particularly large and stylized.

Contatos da autora

E-[mail](#) - [Site](#) - [Spotify](#)

Wattpad: @AlinePadua

Instagram: @alineapadua

Facebook: Aline Pádua

Meus outros livros: [aqui](#).